



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM ESTUDOS DO GÊNERO E DIVERSIDADE

VICTORIA MARIA ZACCONI AQUINO

**MULHERES MASCULINIZADAS: UM ESTUDO DE GÊNERO E
SEXUALIDADE SOBRE CORPORALIDADES E ESTÉTICA EM SALVADOR**

Salvador

2014

VICTORIA MARIA ZACCONI AQUINO

**MULHERES MASCULINIZADAS: UM ESTUDO DE GÊNERO E
SEXUALIDADE SOBRE CORPORALIDADES E ESTÉTICA EM SALVADOR**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Estudos de Gênero e Diversidades, Faculdade de Filosofia em Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Estudos do Gênero e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes.

Salvador

2014

VICTORIA MARIA ZACCONI AQUINO

MULHERES MASCULINIZADAS: UM ESTUDO DE GÊNERO E SEXUALIDADE SOBRE CORPORALIDADES E ESTÉTICA EM SALVADOR

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em ____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora:

Felipe Bruno Martins Fernandes - Orientador_____

Mestre em Educação pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande, onde defendeu dissertação sobre a construção da identidade ativista gay no Brasil. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina, com estágio doutoral no Center for Lesbian and Gay Studies (CLAGS) da City University of New York (CUNY). Possui pós-doutorado em Estudos de Gênero (PPGICH/UFSC), Anthropologie Sociale (EHESS/Toulouse) e Antropologia da Educação (PPGAS/UFSC).

Suely Aldir Messeder_____

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UFBA e doutorado em Antropologia pela Universidade Santiago de Compostela. É professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Enlace. Seus interesses em ensino, pesquisa e extensão estão nas áreas de sexualidades, homocultura, masculinidades, relações de gênero, corpo, relações étnico-raciais, baianidade, fluxos migratórios, antropologia urbana, teoria cognitivista, teoria feminista e teoria queer.

Caroline Barreto de Lima_____

Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade UEFS (bolsista CAPES - 2008) e Especialista em Desenho UEFS (2007). Possui graduação em Licenciatura em Letras com Inglês pela UEFS (2004). Integrante do Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros é um grupo que integra a linha de pesquisa Gênero, Cultura e Arte do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA). Tem experiência na área dos estudos de Gênero, Sexualidade e Moda, atuando principalmente nos seguintes temas: aparência, redesenho, gênero, travestilidade e cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Aparecida Zacconi, meu pai Marlos Aquino e minha irmã Vivian Aquino, que estiveram em todo momento me apoiando na condução desse processo acadêmico.

Ao feminismo por ter me mostrado o poder transformador do que é ensinado como verdade e modelo de vida.

Aos meus amigos, amigas e pessoas queridas que fazem parte da minha história sempre compartilhando dos planos de vida e projetos de um mundo não racista, não homofóbico e não sexista.

Ao grupo Enlace incluindo a professora Suely Messeder e todas as minhas colegas que compartilharam das discussões e relatos das entrevistas com mulheres masculinizadas.

À Felipe Fernandes que esteve presente durante a minha orientação e se tornou uma pessoa muito querida desde o momento de sua chegada.

As minhas queridas colegas de turma que me mostraram o potencial de educação e superação, e que são para mim exemplos de vida.

Agradeço de coração a todas as pessoas entrevistadas pela confiança em mim depositada.

Às professoras e professores que muito contribuíram para minha aprendizagem.

Agora sei que devo içar as velas e tomar os ventos do destino. Dar sentido a vida pode levar a loucura, mas uma vida sem sentido é a tortura da inquietação e do vão desejo.

Colligere, 2003.

RESUMO

Neste trabalho irei me debruçar sobre as histórias de vida de mulheres masculinizadas e lésbicas de Salvador/BA. Aqui almejo perceber como ocorre o processo da construção desta masculinidade, através da estética, sexualidade e relações sociais. Pretendo analisar a composição do ato performativo masculino em corpos de lésbicas. Neste sentido, as questões vão para além do sistema hierárquico e binário de homens e mulheres. O que norteia a relação sexo, gênero quando consideramos a subjetividade como uma dimensão que envolve sentimentos, discurso, poder e formação do sujeito? Como as relações de articulação de categorias sociais se sobressaem na vivência dessas mulheres? Irei me ater sobre os meus “achados” no trabalho de campo realizado através de entrevistas semi-estruturadas e sobre quais os aspectos que elas incorporam ao longo da sua trajetória de vida como forma de identidade. Acredito que para compreender essa vivência é preciso mergulhar no referencial teórico feminista e lésbico como suporte metodológico de campo.

Palavras chave: Masculinidades. Sexualidades. Lésbicas. Subjetividades. Estética.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 REVISÃO TEÓRICA E TRABALHO DE CAMPO | 11 |
| 1.1 MASCULINIDADES | 12 |
| 1.2 MULHERES MASCULINIZADAS | 17 |
| 1.3 ATOS PERFORMATIVOS E SUBJETIVIDADES | 18 |
| 1.4 O MÉTODO: HISTÓRIA DE VIDA..... | 22 |
| 2 AS INTERLOCUTORAS, INTERSECCIONALIDADES E O TIPO IDEAL | 24 |
| 2.1 SAPATÃO | 25 |
| 2.2 ELAS POR ELAS | 29 |
| 3 ESTÉTICA E MODELOS DE SEXUALIDADE | 37 |
| 3.1 DIVIDINDO O MUNDO | 38 |
| 3.2 TRANS..... | 43 |
| 3.3“SE ELA NÃO COME PIMENTA EU COMO!” MODELOS DE SEXUALIDADE E HISTÓRIA DE VIDA..... | 44 |
| 3.4 DESEJANDO AS LADYS | 48 |
| 3.5 SEXUALIDADE E GERAÇÃO..... | 51 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| REFERÊNCIAS | 54 |
| APÊNDICES | 59 |

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é perceber como são construídas as dimensões referentes à estética, sexualidade e relações sociais nos atos performativos de gênero das mulheres lésbicas e masculinizadas da cidade de Salvador, Bahia.

Almejo, também, contribuir com os estudos relativos às masculinidades, visibilizando as mulheres lésbicas como protagonistas das suas vidas. Através de uma análise das narrativas de mulheres sobre a construção da masculinidade em suas trajetórias, considero os padrões da sociedade ocidental e as interseccionalidades vivenciadas no corpo fatores importantes no local de fala desses sujeitos. Busco identificar essa leitura no que tange uma percepção externa, ou seja, fruto do imaginário social, sobre elas e uma visão própria e subjetiva. Se faz necessário identificar como emergem os marcadores sociais de gênero, particularmente quando relacionados à classe, raça, geração, e de que forma as relações de poder atravessam essas narrativas e invisibilizam ainda mais as mulheres masculinizadas no seu cotidiano.

De maneira a situar e descrever meu local de fala como forma política, assim como me ensinou o feminismo “*O pessoal é político!*”, me apresento como uma mulher, feminista, parda, de camadas médias e jovens. Não me considero extremamente feminina, mas sou percebida e lida por algumas interlocutoras da pesquisa como *lady*¹.

O caminho que me levou a pesquisar essa área começou em 2012, quando participei do I Treinamento em Metodologia de Pesquisa em Sexualidades, Gênero e Direitos Humanos, promovido pelo Grupo Enlace da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Grupo, a qual, logo depois me agreguei, desde sempre tive muito desejo e paixão em estudar gênero, sexualidade e corporalidades. Desde o início da graduação no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), os seminários e eventos sobre sexualidade me aproximaram cada vez mais da temática, alinhada à busca pelo campo ainda árido da Teoria Queer na cidade de Salvador. Um evento muito importante nessa entrada dos estudos sobre sexualidade foi o “Stonewall

¹Termo em inglês cunhado no universo LGBT para descrever mulheres femininas, ou seja, que usam maquiagem, cabelos longos, vestido, saia e outros artefatos femininos.

40 + o que no Brasil?”, promovido pelo grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS/CULT/UFBA) que aconteceu em 2010. No evento me aproximei um pouco mais dos e das teóricas da perspectiva de políticas LGBT e estudos desse universo.

Figura 1– Mulheres Masculinizadas, BA, 2012.



Fonte: <http://masculinidadefemeas.blogspot.com.br/p/apresentacao.html>

Na graduação busquei estreitar a ligação com algumas matérias mais específicas e com a presença no grupo Enlace aprofundi meu contato com os estudos sobre sexualidade, antropologia feminista e Teoria Queer. Dessa forma, inquietações foram surgindo a partir do contato com o universo e pesquisas sobre mulheres masculinizadas no projeto em foco. A pesquisa coletiva coordenada por Suely Messeder intitulada “Masculinidades em corpos femininos: tecendo articulações entre pesquisa, extensão e políticas públicas sobre e com estas mulheres.” (2012) que durante a minha participação no grupo Enlace, estava em execução, me motivando a pesquisar outras dimensões e revelando novas inquietações. Dessas inquietações, senti a necessidade de contemplar a subjetividade como viés fundamental, pois considero importante quesito presente nas relações sócias e histórias de vida. Por exemplo: considerando a subjetividade como uma dimensão que envolve sentimentos, discurso, poder e formação identitária do sujeito a subjetividade se mostra importante no momento em que são pensadas as perguntas ou

problemas de pesquisa e as análises das entrevistas. Uma das perguntas que guiam esse trabalho é: o que motiva e são as referências para a composição estética de desejo e projeto de vida das mulheres masculinizadas? Quais as implicações sociais encontradas na sua trajetória de vida? Os questionamentos se mostraram produtivos como forma de destrinchar essas problemáticas, não no sentido de encontrar alguma resolução para elas, mas de compreender a partir das contribuições que foram a mim fornecidas por essas mulheres.

Para maior compreensão desses questionamentos me debrucei no processo metodológico. Calcei-me em alguns direcionamentos que se completaram para culminar nesse trabalho. Primeiramente na concepção metodológica da Teoria Queer trazida por Jack Halberstam (1998) no que ele diz:

una metodología que eres, encierto sentido, una metodología carroñera, que utiliza diferentes métodos para recoger y producir información sobre sujetos que han sido deliberada o accidentalmente excluidos de los estudios tradicionales del comportamiento humano (HALBERSTAM, 1998).

Ou seja, persiste a ideia de que não existe um caminho correto, um só método que pode visibilizar sujeitos que nunca estiveram presentes nos trabalhos acadêmicos convencionais e clássicos. Na minha concepção a riqueza da Teoria Queer se apresenta na necessidade em garimpar e recorrer a diferentes métodos e perspectivas para que se possa trazer a tona essas realidades que também são múltiplas. Uma vez que diante da complexidade de situações e vivências, uma única metodologia não daria conta da magnitude das informações. Não que se possa garantir tamanha abrangência, mas a preocupação com outras perspectivas de análise e visibilidade para grupos marginalizados.

Além dessa perspectiva que rege de forma importante essa pesquisa, utilizo do recurso de entrevistas presenciais com auxílio do método qualitativo de pesquisa participante. As interlocutoras contaram-me suas histórias de vida, essas histórias são resultado de toda a sua trajetória desde a infância até o meu encontro com elas. Para maior aproximação me situei na antropologia feminista como método de análise das experiências.

Dividi esse trabalho em três capítulos para melhor organização. Dedico o primeiro capítulo a uma estruturação dos conceitos que me guiam para reflexão do tema. Apresento as publicações encontradas sobre masculinidades em corpos de mulheres e evidencio a pouca literatura sobre o assunto. Em maior parte é encontrada referências que tratam de masculinidades em geral, ou que encaram a masculinidade de forma binária e fixa. Esse capítulo também apresenta a metodologia utilizada e minhas preocupações em relação à subjetividade.

No segundo capítulo empenho boa parte a descrição densa de minhas sujeitas de pesquisa. Considero importante esse momento para compreensão das minúcias da estética e composição do estilo, além do “jeito de ser” e comportamentos das mulheres masculinizadas que entrevistei. Neste capítulo faço uma intervenção exibindo um trecho do programa de televisão *Toma lá dá cá* (Rede Globo) por ter no elenco uma mulher que considero se enquadrar no tipo ideal imaginado de uma mulher masculinizada. O episódio retrata comportamentos geralmente encontrados no cotidiano vivenciado com mulheres masculinizadas. Por conta da multiplicidade de categorias que são socialmente estruturantes e foram encontradas nos depoimentos, me proponho ainda nesse capítulo a pensar de forma interseccional, analisando o local de fala de cada interlocutora. Dessa forma, almejo não condensar as entrevistas a mim confiadas no sentido de generalizar informações criando padrões sobre identidades. Busco sim semelhanças em suas experiências, práticas sociais e referências estéticas.

No último capítulo me aprofundo no que entendo por gênero, estética e trajetória de vida das mulheres entrevistadas. Em um percurso, tendo como marco inicial fases da vida mais importantes nas suas histórias, penso e questiono junto com os depoimentos algumas concepções machistas de acordo com o contexto e tempo vivenciados por elas. Senti necessidade de pensar ainda neste capítulo a relação de desejo e os modelos de sexualidade apresentados por elas, além de uma análise da categoria geração. Nas entrevistas padrões de desejo se mostraram presente nos depoimentos das mulheres masculinizadas. Portanto, essa esfera da sexualidade aliada ao estilo é um dos pontos levantados nesse momento do trabalho.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO TEÓRICA E TRABALHO DE CAMPO

Neste primeiro capítulo, almejo através de ferramentas teóricas e experiências de campo de outras autoras, à aproximação com o universo das mulheres lésbicas masculinizadas, buscando sempre considerar seu protagonismo neste trabalho. Divido em quatro momentos esse capítulo. No primeiro utilizo os estudos sobre o universo de mulheres lésbicas e estudos sobre masculinidades com auxílio teórico da Raewyn Connell, Miriam Grossi, Jack Halberstam e outros. Em um segundo momento, aprofundo o tema sobre os estudos encontrados relativos às mulheres masculinizadas em Salvador produzidos por Suely Messeder. Acrescento em um terceiro período com discussões sobre atos performativos de gênero e sexualidade trazidas por Judith Butler e Regina Fachinni. E por fim, encerro com o subsídio metodológico da história de vida, da antropologia feminista e subjetividades como forma de entendimento das relações encontradas. Portanto, com a ida a campo ao longo dos outros capítulos considerarei suas visões e as trajetórias a mim relatadas em sintonia com as referências teóricas aqui citadas.

1.1 MASCULINIDADES

É necessário para fundamentação teórica sobre mulheres lésbicas masculinizadas duas vertentes para uma possível análise e entendimento dentro de uma construção social de gênero: a análise dos corpos/estética e a análise dos modelos de sexualidade.

Primeiramente a compreensão do universo lésbico. Se deve considerar que existem diversas formas de viver a sexualidade, inclusive nos círculos de convivência LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e trans). Segundo, das masculinidades sejam elas pensadas como categoria hegemônica presente em corpos de machos ou, como é o caso da proposta desse trabalho, masculinidades vivenciadas em corpos de mulheres lésbicas.

A epistemologia lésbica tem bastante contribuição de pesquisadoras da antropologia e outras áreas das humanidades. Autoras como Adrienne Rich (2010), contribuem para a visibilização das mulheres lésbicas questionando a

heterossexualidade compulsória e a teoria feminista no texto *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, dizendo:

O texto foi escrito em parte com a proposta de desafiar o apagamento da existência lésbica de boa parte da literatura acadêmica feminista, um apagamento que eu sentia (e sinto) ser não apenas antilésbico, mas também antifeminista em suas consequências, além de distorcer igualmente a experiência das mulheres heterossexuais. Não foi escrito a fim de ampliar ainda mais as divisões, mas sim para encorajar as feministas heterossexuais no exame da heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres e, portanto, a mudá-la (RICH, 2010, p.19).

Esse questionamento é relevante, pois parte dos estudos feministas estão fixados em um modelo heterossexual na sua constituição. Principalmente nos trabalhos que estão inseridos na perspectiva do patriarcado. Para evidenciar essa afirmação e a exclusão da categoria sexualidade me remeto ao conceito de *simbiose* utilizada por Heleieth Saffioti (1992). Para a autora a simbiose entre classe, sexo e raça, está em paralelo à relação do capitalismo, patriarcado e racismo, essas se apresentam como detentoras de um poder hegemônico, poder dominador. No caso, o capitalismo impulsionaria as relações desiguais de sexo a partir do patriarcado e de raça a partir do racismo para manter-se dominante. A concepção de simbiose trazida por Heleieth Saffioti demonstra um não alcance de outras categorias e uma não visualização de formas de poder difusas e não hegemônicas. Isso ocorreu em grande parte em decorrência do tempo histórico, mesmo assim o referencial teórico dos estudos feministas por muitos anos se manteve nessas relações e ainda é preservado por algumas perspectivas. No texto desenvolvido por Lia Zanotta Machado, *Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?*, a discussão se encontra na problemática dos limites do uso do termo patriarcado:

Não propugno a não utilização do conceito de “patriarcado”. Não entendo que seja inapropriado se falar de um “patriarcado contemporâneo”. As relações patriarcais, devidamente definidas em suas novas formas e na sua diversidade encontram-se presentes na contemporaneidade, mas seu uso implica um sentido totalizador, quer seja na sua versão adjetiva ou substantiva, e empobrece os sentidos contraditórios das transformações. Entendo que as transformações sociais

contemporâneas dos lugares das mulheres e dos homens e dos sentidos das diferenças de gênero, fogem ao aprisionamento do termo “patriarcado” (MACHADO, 2000, p.3).

O Patriarcado traz em seu bojo segmentos rígidas de masculinidade, feminilidade, poder/dominação e estrutura do núcleo familiar. Por isso, falar sobre lésbicas e falar em masculinidades é bastante desafiador para mim que tive maior parte dos meus estudos sobre gênero na graduação dentro dessa perspectiva. Falar em masculinidades tendo o direcionamento da teoria do patriarcado é remeter-se a uma construção social imbricada a um poder hegemônico em relação às mulheres dentro da nossa cultura ocidental.

Outra abordagem sobre masculinidades, cuja a perspectiva garante múltiplas interações, é presente nos últimos anos a partir de uma perspectiva não essencialista oriunda dos estudos de gênero e da Teoria Queer. Sendo assim, a perspectiva não-essencialista é bastante presente nas pesquisas recentes sobre masculinidades e fincou-se nos estudos acadêmicos como uma opção de análise da realidade mais extensa no que tange a dinâmica das relações. Como aponta Raewyn Connell:

Diríamos que as pesquisas sobre masculinidades floresceram em ciências sociais e nas humanidades durante os últimos 20 anos, precisamente porque o conceito subjacente empregado não reificante ou essencialista. A noção de que o conceito masculinidade essencializa ou homogeneiza é um tanto quanto difícil de reconciliar com a tremenda multiplicidade das construções sociais que etnógrafos e historiadores têm documentado com o auxílio desse conceito (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p.10).

As pesquisas acadêmicas estão considerando cada vez mais a multiplicidade de comportamentos masculinos numa ação social. Pensar a masculinidade como algo não essencialista é a garantia da liberdade de análise das masculinidades em outros corpos e vivências de diferentes contextos. Para Raewyn Connell (1995): “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Portanto, as masculinidades estão inscritas no contexto social, decorrente de práticas e relações de alteridade representadas na figura de homens. Ainda para Raewyn Connell, a construção da masculinidade é relativa ao sentido proposto por Jean Paul Sartre de *projeto*, que é de desenvolvimento e busca por algo e que estão

suscetíveis aos percalços culturais e institucionais. Para Sherry Ortner (2006) a noção de projeto está imbricada as dimensões de agência e poder como descrita nesse trecho:

Em um campo de significado, “agência” tem a ver com intencionalidade e com o fato de perseguir projetos (culturalmente definidos). No outro campo de significado, agência tem a ver com poder, com o fato de agir no contexto de relações de desigualdade, de assimetria e de forças sociais. Na realidade, “agência” nunca é meramente um ou outro. Suas duas “faces” – como (perseguir) “projetos” ou como (o fato de exercer ou de ser contra) o “poder” – ou se misturam/transfundem um no outro, ou mantêm sua distinção, mas se entrelaçam em uma relação de tipo Moebius. (ORTNER, 2006, p. 58)

Mostra-se bastante relevante a perspectiva trazida por Sherry Ortner, por revelar essa busca da masculinidade como um projeto corporal e subjetivo que envolve relações de poder, sejam elas de privilégios, ou desiguais apresentadas nas relações sociais. Aproveito para complementar com o alerta de Raewyn Connell sobre poder, a qual descreve o risco de pensar gênero como uma “*pout-pourri*” de identidades e estilos, pois estão envolvidos alguns fatores que prevalecem em detrimento de outros, ou seja, gênero é composto por sujeitos múltiplos e também permeado por relações de poder. Dessa forma, se apresentará de diversas maneiras, mas carregará em si diferenças oriundas do local de fala.

A construção da masculinidade me faz lembrar as discussões sobre “homens trans” e barreiras culturais e institucionais trazidas por Guilherme Almeida no artigo “Homens Trans: Novos matizes na aquarela das masculinidades?”. No que tange a construção da masculinidade, a auto identificação, em se apresentar como um homem. Essa ocorre em espaços de internet, militância e de redes pessoais, diferente do não reconhecimento e visibilidade em espaços sociais que insistem no olhar falocêntrico.

Dessa forma, exigindo a presença material de um pênis para comprovação da sua expressão de gênero masculina. Não entrevistei nenhum homem trans, mas ao perguntar sobre essa categoria para as mulheres entrevistadas somente Joana informa desconhecer. Embora o trabalho não

aborde pessoas “trans” em seu cerne, encontrei semelhanças nas relações subjetivas de cobrança social e construção estética. Seja no caso das mulheres masculinizadas sendo questionadas pelo motivo do desejo em sua história de abdicar de uma feminilidade imposta, ou no caso dos homens trans como aponta Berenice Bento (2006), sobre a materialização do pênis e outros signos para confirmação dos atos performativos masculinos. Vale ressaltar que a presença de homens trans no movimento LGBT e outros espaços ainda é escassa e não conhecida entre a maioria da população.

No artigo publicado recentemente por Miriam Grossi e Simone Avila (2014) é encontrada tal constatação sobre:

a presença de transhomens no movimento trans até 2010 era praticamente inexistente ou com pouquíssima visibilidade, tendo em vista que quando iniciamos nossa pesquisa não havia nenhum grupo, associação ou organização de transhomens e a grande maioria dos nossos interlocutores, assim como Toni, referiu não participar do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) ou movimento trans (AVILA, GROSSI. 2014, p. 1).

A categoria Transhomem aparenta ser recente nas discussões LGBT no Brasil e começa a tomar forma após 2010 com a formação de grupos, encontros, políticas públicas de saúde e outros. Nos próximos capítulos discutirei um pouco sobre a relação do corpo e a categoria trans na perspectiva das minhas interlocutoras. Mesmo esse não sendo o alvo desse trabalho se faz presente à emergência do tema e a fina linha das discussões sobre mulheres masculinizadas e categoria de transhomem.

Sobre masculinidades, penso, como norte para produção desse trabalho, os escritos de Jack Halberstam (1998). Sua proposta a partir da compreensão das masculinidades aponta, primeiramente, o não pertencimento da masculinidade em corpos designados biologicamente como machos; dando vazão as mais diversas formas subalternas de expressão de gênero.

Nesse sentido pensar em masculinidades vivenciadas por lésbicas na cidade de Salvador traz seu caráter alternativo dos estudos sobre gênero e sexualidade, pois as pesquisas na área ainda se mostram escassas.

1.2 MULHERES MASCULINIZADAS

As pesquisas realizadas em Salvador, encontradas no levantamento bibliográfico sobre o tema, envolvendo masculinidades em corpos de lésbicas (ou não), estão ligadas ao Grupo Enlace da UNEB. Essas pesquisas tem foco em áreas como trabalho, movimentos sociais e outras instâncias e categorias sociais. Os artigos construídos por Suely Messeder (2012a e 2012b), “Não me acho masculinizada, mas sim arrojada: Os desafios na pesquisa sobre mulheres masculinizadas”, e, “É preciso isso?! Desconstruindo o fio das masculinidades nas vivências de mulheres masculinizadas na infância, na escola e no mundo do trabalho”, abordam aspectos da realidade vivida a partir da antropologia feminista como método para análise e enfrentamento de setores acadêmicos que não reconhecem a categoria de mulheres masculinizadas. Para melhor exemplificar o que acabei de informar citarei um trecho do texto:

O deslocamento provocado na discussão sobre masculinidades em corpos femininos promete o desafio do cruzamento analítico entre os discursos hegemônicos e discursos não hegemônicos, sobretudo, nos permite pensar quem são os nossos/as interlocutores, quem são os/as produtores/as, ou melhor, quem são “aqueles” ou “aquelas” que estão reproduzindo tais atos performativos, e, quem são aqueles/as que estão produzindo conhecimento sobre tais atos. Por enquanto, mantenho o emprego do termo mulher masculinizada, muito embora, seja consciente de que com o uso deste termo estou sendo refém da tecnologia de gênero, ao tempo em que também tenho consciência de que a masculinidade como ato performativo não possui um sexo biológico correspondente (MESSEDER, 2012, p. 11).

Nesse sentido tomo o conceito de mulheres masculinizadas para entender as sujeitas da pesquisa no contexto soteropolitano. As convenções sociais da masculinidade hegemônica no que se refere ao poder, ao tipo de vestimenta e comportamento é aqui apreendido por mulheres² nas dinâmicas

² Emprego neste trabalho a nomenclatura “mulher” e “homem” como categorias designadas sexualmente, esses termos serão usados de forma a facilitar a leitura e entendimento. No meu ponto de vista esses termos são fluídos e não devem sustentar nenhum tipo de rigidez biológica, pois sexo é mutável.

de gênero para designar a composição do visual, comportamento e rompimento dos padrões culturais.

Para Judith Butler (2003), essa apropriação é na verdade uma paródia de gênero, ou seja, ela não decorre de uma matriz/original masculina, é efeito do efeito, práticas imitativas, e está suscetível à ressignificações culturais na encenação cotidiana. A desnaturalização das convenções de masculinidade é de extrema relevância por não contar com uma originalidade de gênero decorrente do sexo biológico, ou seja, não existem modelos artificiais de masculinidade vivenciados em corpos femininos, pois mesmo contendo um arquétipo cultural o contexto nos revela uma infinidade de modelos masculinos sejam em machos ou em fêmeas. Suely Messeder (2012^a) emprega masculinidade para designar a dimensão social desse modelo, estando em acordo com o conceito das tecnologias de gênero, a qual procede da autora feminista Teresa de Lauretis (1994). Lauretis define tecnologia de gênero como forma de evidenciar a produção das dicotomias de gênero em um nível estrutural e complexo. As tecnologias políticas, linguísticas e do imaginário são fixadas em instituições como o Estado no sentido de regulamentá-las. As diferentes práticas discursivas de autoridades institucionais atuam como formadoras de aspectos simbólicos de modelos polarizados e desiguais de gênero. Portanto, masculinidades em corpos femininos não devem ser entendidas como algo estranho ou anormal.

Neste tópico apresentei as referências sobre mulheres masculinizadas encontradas no mesmo território dessa pesquisa e que servem de orientação para encontro e análise das entrevistas com as interlocutoras que cederam suas histórias para essa pesquisa.

1.3 ATOS PERFORMATIVOS E SUBJETIVIDADES

Nesse momento apresento alguns conceitos das autoras e autores que serviram pra maior compreensão das relações sociais de mulheres masculinizadas a qual envolvem; atos performativos, corpo e história de vida. Miriam Grossi (2004) diz que “O corpo é, portanto, o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero” (GROSSI, 2004, p.7). Por isso, pretendo me envolver nesse tópico com as questões pertinentes aos atos

performativos, subjetividades, vivência dos corpos e as diferenças apresentadas.

A sexualidade se apresenta como marcador para a existência de um ato performativo lésbico, conhecido por *butch* ou *dyke* como exemplo de uma nomenclatura estrangeira para lésbicas não femininas. Aqui no Brasil é presente também nas relações sociais. No texto “Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo”; Regina Fachinni (2008) em sua pesquisa de campo encontra variações sobre o comportamento das *dykes*, todas associadas às lésbicas consideradas “modernas” ou “masculinas” na cena do rock de São Paulo:

Entre elas, é comum, também, que o uso das categorias *dyke* ou *sapatão*, esteja associado a comportamentos e/ou aparências tidas convencionalmente como "masculinas". Assim, embora haja como veremos adiante, muita variação, algumas posturas são especialmente valorizadas entre as *dykes*: beber muito, exibir tatuagens e/ou outras modificações corporais, ficar na balada até muito tarde, jogar sinuca, frequentar botecos, usar calças muito justas como a dos *punks* dos anos 1970 ou bermudões largos e cintos pesados com rebites, e manter uma postura de enfrentamento com os homens, quando se acredita que estes estejam invadindo seu espaço ou cerceando de alguma forma a sua expressão (FACHINNI, 2008, p. 161).

Assim como as *dykes*, comportamentos, aparências e postura são fatores que culminam na construção e representação de termos como “caminhoneira” ou “sapatão” comumente utilizados no Brasil, essa é a representação social da lésbica que “se parece” ou “se porta” como um homem. Por não se enquadrar no sistema sexo/gênero³ a masculinidade vivenciada nos corpos de lésbicas é muito mais visível e questionadora dos padrões hegemonicamente aceitos, do que a *lady*, por exemplo.

Portando, cortar com obrigatoriedades sociais de gênero fazem parte de uma revolução dos corpos a qual desmontam o poder masculino cisgênero⁴.

³ Segundo Gayle Rubin, (2014), o sistema “Sexo/gênero é um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana”.

⁴ Compactuo com a categoria de análise teórica conceituada por “cisgênero” para designar uma desestabilização da norma. Segundo Jaqueline Jesus (2012), são: “conceituadas como cisgênero, as pessoas cuja identidade de

Além de contar com produções acadêmicas sobre masculinidades foi necessário constituir um tipo ideal (WEBER, apud, QUINTANEIRO 2002), que é a noção imaginada, fruto da observação de masculinidades em corpos de mulheres e que ao decorrer desse capítulo irei destrinchar melhor.

A presença e observação constante nos espaços em que transito fizeram parte do exercício de percepção das diferenças entre masculinidades e feminilidades em corpos de mulheres. Faculdade, bares de sociabilidade lésbica, mercados informais, rede de amigos e outros espaços, me levaram a constituição da modelagem do tipo ideal. Por exemplo, em uma manhã de domingo estive presente no jogo de vôlei feminino na Praia de Armação localizada na orla de Salvador. A maioria das mulheres eram femininas, magras, usavam short curto, cabelo preso, mas uma delas se destacava entre as outras mulheres por não estarem dentro daquele padrão encontrado. Ela não usava biquíni, era gorda, short largo até altura do joelho e comportamento mais masculino em relação às outras jogadoras. Nesse momento, comecei a delinear o que levaria em consideração na construção do “tipo ideal”.

Para pensar sobre as interlocutoras e corporalidades, a noção do “tipo ideal Weberiano” se adequa a esse levantamento por ser um instrumento que representa uma utopia, ou seja, um guia para alcance da realidade complexa, com finalidade no processo de interpretação - investigação. A construção do tipo ideal utiliza-se da racionalidade do ou da cientista envolvido e seus traços de influência na definição desse conceito caracterizador. O tipo ideal não é uma caricatura que interpela a realidade. Na verdade é criada pelo pesquisador como um modelo abstrato que diz respeito a uma especificidade da vida, tem como função também a comparação entre casos:

“Na medida em que o cientista procede a uma seleção, esta vem a corresponder às suas próprias concepções do que é essencial no objeto examinado, e sua construção típico-ideal não corresponde necessariamente às de outros cientistas. Ele procederá, a partir daí, a uma comparação entre o seu modelo e a dinâmica da realidade empírica que examina” (WEBER, apud, QUINTANEIRO 2002, p.103).

Torna-se evidente a presença da subjetividade do pesquisador/a no que pode se chamar de seleção do seu objeto, nesse caso, das interlocutoras. É necessário um recorte da realidade para se alcançar parte do seu universo de pesquisa. Isso caracteriza um importante quesito para os Estudos Culturais. Stuart Hall (2004) em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, discute a identidade a partir da globalização como contexto temporal, fruto da cultura e suscetível a interferências externas e crises: “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2004, p. 21). Considero importante esse pensamento, pois a construção da masculinidade em corpos de mulheres está vulnerável assim como a cultura está suscetível à influência do contexto cultural, também são vulneráveis a construção das corporalidades e, mais precisamente, do ato performativo de gênero em relação ao meio social e as categorias de pertencimento.

Nos estudos referentes á atos performativos, Judith Butler (2003) afirma que:

A performatividade de gênero entendida como prática reiterativa, dentro de um complexo conjunto de normas regulamentadoras de masculinidade, feminilidades e sexualidades não devem ser entendidas como originais por conta do sexo, pois são formadas no campo do discurso e de uma temporalidade social constitutiva (BUTLER, 2003).

O corpo e o sexo passam a ter materialidade nos estudos de Butler, comprovando a partir da linguagem a constituição do corpo, legitimações e regulamentações. Portanto, o corpo é vulnerável a linguagem. No universo das mulheres masculinizadas dessa pesquisa o discurso teve grande potencial na formação de seus corpos, seja no próprio entendimento da interlocutora sobre uma possível identidade ou na relação do outro através da fala no processo de designação de um local masculino para o corpo. Sherry Ortner (2007) em seu texto “Subjetividade e crítica cultural” estabelece a noção de formação do sujeito baseada em fatores subjetivos construídos culturalmente. Também indica que a subjetividade é uma importante e complexa ferramenta para conceber as estruturas de sentimentos, reflexão e poder, sendo instrumentalizada como crítica cultural para as relações sociais:

Resumindo, tenho me preocupado em explorar os caminhos nos quais uma antropologia da subjetividade pode ser a base de uma crítica cultural, nos permitindo propor questões afiadas sobre a formação cultural de subjetividades dentro de um mundo de relações de poder amplamente desiguais, e sobre as complexidades das subjetividades pessoais dentro de tal mundo (ORTNER, 2007, p.400).

Torna-se evidente não somente a atuação do sujeito na forma identitária/política e de agência como definidoras dessa construção social. A autora aponta a necessidade de levar em conta aspectos referentes às estruturas de sentimento e subjetividades, tratando-os como valiosos para a formação do sujeito.

Devem ser concebidos como constituição dos corpos, os processos de estrutura sentimental somado à linguagem, aos atos performativos, identidade coletiva e individual e regulamentações sociais que compõem o cenário das experiências de vida.

1.4 O MÉTODO: HISTÓRIA DE VIDA.

Essa pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com auxílio do gravador. Durante as entrevistas, contei com o método de história de vida que me guiou com perguntas que permitiram um delineamento da temática. Em muitos momentos a história de vida das interlocutoras foge a temática, mas não deixa de trazer elementos constitutivos das experiências vivenciadas e subjetividades que integram as inquietações que me levaram ao tema. Entrevistei quatro mulheres e irei falar mais sobre essa aproximação e encontro no próximo capítulo. As entrevistas foram transcritas literalmente, depois lidas e relidas para serem analisadas trecho a trecho e sistematizadas. Na leitura e análise busquei dividir de acordo com o encontrado nos depoimentos, foram revelados temas como: família, corpo, relacionamento afetivo/sexual, desejo e questões trans. Depois dessa etapa pude me ater a definir semelhanças e diferenças nos relatos. Dedico esse tópico à apresentação das duas técnicas de pesquisa que articulei para a minha pesquisa: a história oral e a observação participante.

Ainda ligada às reflexões subjetivas, o método de história de vida (SILVA *et al.* 2007) que utilizo como parte da metodologia, aponta que a história de vida é contada através das interlocutoras e permite uma relação dialética entre as suas trajetórias através da memória, o coletivo e a reflexão na construção das identidades individuais. Além do vínculo entre pesquisadora e interlocutoras na produção do conhecimento, a história é contada a maneira própria da interlocutora e se torna a ponte entre o individual e o social. Ao se tratar da relação com a interlocutora me identifico com essa perspectiva, no que diz respeito ao trabalho de campo e entrevistas: “da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista. Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro” (BOSI, apud, SILVA *et. al*, 2007). Portanto, a pesquisa de campo conta além dos contatos e redes. Conta também com fatores éticos, de confiança e respeito com as interlocutoras que cedem sua memória e anseios de vida para construção desse trabalho.

Para um maior arcabouço teórico relativo á pesquisa de campo, segui com as orientações da antropologia feminista aliada às perspectivas da teoria da subjetividade crítica como aporte teórico para aproximação com o campo. Sobre a antropologia feminista, me apoio em Miriam Grossi (1992) no artigo: “Na busca do “outro” encontra-se a si mesmo” ao encarar como central as relações entre interlocutoras e pesquisadoras, o artigo discute a necessidade de uma “urgência da subjetividade”, e da vivência do e da antropóloga em campo. A descrição do clima das entrevistas e encontros com seus respectivos interlocutores não são encaradas como prioridade para muitos pesquisadores. Consideram não integrar a formulação de um trabalho científico, muito menos consideram o caráter metodológico. Esta escola de pensamento é contestada com o questionamento dos e das antropólogas pós modernas e das feministas, que propõem observar aquilo que não se enxergava por conta das relações de poder e da busca da neutralidade no trabalho de campo. A subjetividade é constituinte das relações sociais e é preenchida por afeto, sofrimento, angústia, sedução, alegria, tristeza e sensação de pertencimento. Dessa forma, configure-se, a partir do envolvimento do pesquisador com o outro uma descoberta de si mesmo

A cada finalização das entrevistas não me mantive somente presa ao arquivo gravado. Para auxiliar no entendimento do que considero o “clima” da entrevista, produzi um diário de campo referente aos aspectos que envolviam os sentimentos demonstrados, comportamentos durante os depoimentos e a descrição física de cada interlocutora.

Utilizarei esse conteúdo do diário de campo como aponta a metodologia da observação participante no relato que farei sobre cada entrevistada. Por se tratar de um método que contempla a escuta de mulheres, o distanciamento no sentido antropológico é favorável para uma melhor observação da cultura. No olhar antropológico me alinho a perspectiva feminista como ordem necessária, como relata a antropóloga Alinne Bonetti:

A necessidade de afirmar o ‘feminista’ da antropologia é uma atitude, em si política, de positivar o engajamento político na produção de conhecimento e emprestar um caráter especificamente crítico à prática antropológica (BONETTI, 2007, p. 31).

Uma postura não etnocêntrica e afinada à leitura das dinâmicas de poder decorrentes das relações de gênero vão para além de uma contextualização teórica. São politicamente nítidas ao trabalho de campo e presentes nas minúcias dos depoimentos das interlocutoras.

Aqui, primeiramente o entrelace entre o referencial teórico, posicionamento feminista em campo, percepção das relações de poder imbricadas no local de fala e construção do tipo ideal a partir da observação participante mesclam-se ao método de história de vida. Como dispositivos fundamentais para uma análise do que compõem a estética, sexualidade e relações sociais do universo das mulheres masculinizadas.

CAPÍTULO 2 - AS INTERLOCUTORAS, INTERSECCIONALIDADES E O TIPO IDEAL.

Neste capítulo, divido em dois tópicos meus pensamentos. Pretendo descrever em um primeiro momento com o tópico chamado “sapatão”, a qual busco situar visualmente através de uma descrição densa a estética e composição de personagens lésbicas da qual considero ter semelhanças com

o tipo ideal de mulheres masculinizadas. Além de descrever o diálogo de uma cena do seriado “toma lá dá cá” que era exibido na rede globo de televisão até 2009. Em um segundo período, apresento minhas interlocutoras de forma densa em sua descrição estética e corporal com base nas produções dos diários de campo que fiz durante o período das entrevistas. Para melhor compreensão das articulações e experiências, utilizo como referencial teórico Michel Foucault e a noção de poder. Por fim, sistematizo as categorias que considere relevante nos depoimentos através de um quadro de identidades. A partir do suporte teórico da Avta Brah, concebo as categorias sociais de articulação para evidenciar as relações de poder e interseccionalidade das minhas interlocutoras.

2.1 SAPATÃO

Utilizo como representação fictícia/tipo ideal de uma mulher masculinizada uma personagem de um seriado de humor da Rede Globo intitulado Toma Lá, Dá Cá. O seriado foi criado por Maria Carmem Barbosa e por Miguel Falabella e exibido entre os anos de 2007 e 2009

Irei descrever as personagens Dona Deise Coturno (Norma Bengell), sua prima Moacira Júnior (Débora Duarte) e uma parte de uma cena do 9.º episódio exibido em 2009 “Os politicamente esquecidos”, para delinear o conjunto de elementos que me levaram a constituição de um tipo ideal de mulheres masculinizadas. Apesar de não serem personagens baianas, trazem em sua composição, mesmo que teatral, um reflexo da realidade que observei. Nesse episódio Deise Coturno traz sua prima Moacira Júnior, policial e também masculinizada, para “colocar ordem” no prédio “Jambalaya”, a fim de acabar com a discriminação e com o pronunciamento da palavra “sapatão”.

A partir disso, todas as outras personagens passam a tratar Deise Coturno e Moacira como femininas não as relacionando com sapatões para evitar problemas. O Humor de Dona Deise Coturno e de sua prima também mantém diálogo com o jeito conquistador de algumas das mulheres masculinizadas que entrevistei. Representado nesse depoimento de Joana a minha pergunta sobre os namoros na escola e adolescência *“Era uma boa aluna... namorava... beijinho na boca com menina. Beijava escondido no*

banheiro. O bom é que elas gostavam também”. Já Léo conta como ficou conhecida como “roçona” e lésbica.

Engraçado que na adolescência eu tirava onda de roqueira, maluca e depois quando perceberam que eu morava sozinha que na minha casa não frequentava homem, só iam mulheres, mesmo que não fossem nada, só amigas, ficavam dizendo que era sapatão, roçona, acabou que atribuiu meu modo de ser a ser lésbica, sapatão e até hoje é assim. (Léo)

Para visualização de uma cena que representa esse contexto de exibição de uma malandragem em ter muitas amigas, mulheres, dar beijos e estar sempre disposta para a relação afetiva/sexual. Irei utilizar imagens, falas e a descrição densa relativa á estética das duas personagens nas próximas páginas. Começo com o quadro de uma cena. Utilizo essa Caixa de diálogo para exemplificar através de um pequeno diálogo entre Deise, Álvaro e Mário Jorge (personagens do seriado) os aspectos da linguagem e comportamento.

CAIXA DE DIÁLOGO

Dona Álvaro: Sabe dona Deise, eu tenho lá em casa algumas echarpes que eram de Ladir (ex-marido) e como a senhora está assim tão diáfana, estou pensando em presenteá-la com as echarpes.

Deise: A senhora acha que estou diáfana?

Mário Jorge: Muito... Mais de uma leveza impressionante! A senhora, dona Deise, no momento que a sua prima me atingia, me esmurrava, eu ia caindo e vi de relance a senhora atrás. Achei que era uma libélula gigante, um libelulão, uma dançarina clássica de tchutchu e tudo.

Dona Álvaro: Ladir adorava tchutchu, ele tinha um de cada corzinha [...].

Dona Deise, sabe quem a senhora hoje está me lembrando? A Angelina Jolie!

Deise coturno: Ah... mais tarde vou à cobertura te mostrar o meu Brad Pitt!

A cena desse seriado cômico relata de forma irônica o ato performativo das personagens que trazem em seu corpo características no comportamento, estilo e forma de andar não condizentes com a coerência sexo, gênero e desejo inseridos na sociedade heteronormativa⁵.

Agora, passamos para a descrição densa da estética e corporalidades das personagens citadas. Com o decorrer do capítulo as semelhanças com as interlocutoras passam a se tornar mais próximas das personagens em seu “jeito de vestir” e outros indicadores. Começarei com Deise Coturno e logo após com a descrição da personagem Moacira Júnior.

Deise Coturno

Descrição da personagem

Cabelos curtos com gel, branca, gorda e seios grandes representam o tipo física da personagem que se aproxima com o tipo ideal de uma mulher masculinizada e lésbica presente nessa pesquisa. As roupas que compõem o figurino se assemelham a realidade encontrada nas ruas. Blusa simples sem estampa por baixo de uma camisa social mais escura, sempre aberta com uma calça larga e tênis básico representam no seriado a figura de “um sapatão” como é chamada. Sem nenhum acessório, unhas pintadas e maquiagem colorida, Deise coturno se assemelha e representa uma mulher masculinizada.

⁵ Para Judith Butler a heteronormatividade significa “O modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino- expresso macho, feminino-expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicionalmente e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade” (BUTLER, 2003, p. 16).

Moacira Júnior

Descrição da personagem

Cabelos medianos sem nenhum tipo de penteado, soltos e bagunçados, seios grandes e um pouco acima do peso descrevem o corpo de Moacira. As roupas são: calça larga, camisa de botão, colete de tonalidade entre branco cinza e preto integram um padrão relacionado ao figurino de Deise Coturno. Moacira usa relógio grande e preto e sapato fechado. Ambas têm no seu andar o peso e firmeza eliminando qualquer tipo de sensualidade.

Figura 2 – Personagem Deise Coturno, Tv Globo, 2009.



Fonte: TV Globo/ Divulgação

Figura 3 – Personagem Moacira Júnior, Rede Globo, 2009.



Fonte: Rede Globo / Divulgação

O desenvolvimento do tipo ideal tem entre seus direcionamentos ser fruto de signos e associações do contexto da pesquisadora. Desenvolvi essa analogia entre as personagens Deise/Moacira e as interlocutoras desse trabalho com base na construção estética e de sexualidade defendidas por ambas. A relação entre esses três marcadores: tipo ideal, contato com as mulheres masculinizadas e as personagens me possibilitaram pensar a visualização das pessoas cisgênero sobre o ato performativo da masculinidade em mulheres lésbicas.

2.2 ELAS POR ELAS

Passo agora a falar das minhas interlocutoras. Conheci as interlocutoras através de redes de amizade e contatos do Grupo Enlace. Foram entrevistadas quatro mulheres. Inicialmente entrei em contato com seis mulheres, essas foram contatadas, duas me negaram entrevista. O motivo da negativa do meu contato, foi por não quererem sua identidade e corpo atribuídos à categoria de mulheres masculinizadas. Houve a impressão de que a negativa remete-se ao sentimento de repulsa a masculinidade, ou seja, a interpretação da vivência das masculinidades em seu ato performativo sempre foi tido socialmente como

algo desviante da norma e dos padrões de gênero. É de acordo, que as seis interlocutoras já foram interpeladas dessa forma em espaços públicos, ou muitas vezes confundidas com um homem, como descreveram em conversas em que não gravei e nos primeiros contatos. Mesmo assim, duas dessas seis não desejaram atribuir um ato performativo masculino para si. As que aceitaram estiveram disponíveis desde o primeiro contato até o encontro. As entrevistas aconteceram em locais de preferência das interlocutoras, em suas casas, restaurante, faculdade e com total discrição proporcionando um ambiente que não permitisse outras escutas.

Neste trabalho as interlocutoras se apresentaram como mulheres masculinizadas e me contaram suas trajetórias. Apresento a partir de agora individualmente cada uma de minhas interlocutoras: Cláudia, Joana, Ana e Léo. Todas, exceto Léo, são lésbicas e trazem semelhanças relacionadas ao tipo físico masculino. São fortes e grandes, duas delas, com sobrepeso, Cláudia e Joana.

Cláudia é branca, seios avantajados, usa sutiã similar aos tops de academia. Cabelos lisos e grisalhos com corte mediano, óculos de armação grossa, não utiliza maquiagem nem esmalte, pois não gosta. Sempre prefere camisa larga e básica, calça de modelo reto e tênis com cadarço. No dia da entrevista usava short largo na altura do joelho, sandália de dedo, camisa de modelo básico e sutiã sem bojo. É agnóstica, tem 57 anos, mora sozinha e pertence a camadas médias. Bancária, a Cláudia é bem séria.

Minha segunda interlocutora se chama Joana é parda, porte físico grande, pertencente a camadas populares, altura mediana, seios grande, usa sutiã do tipo top de academia. Diante do ambiente de trabalho e função desenvolvida, a farda é o seu traje. Camisa larga e calça larga no tom bege com listras vermelhas na lateral não definem nenhuma curva de seu corpo, sapatos confortáveis no estilo tênis e um boné de tom escuro e aba dobrada. Cabelo curto e cacheado, unha feita cortada rente e pintada de tom incolor e sem algum tipo de maquiagem em seu rosto. Em outros momentos que a interlocutora está fora do seu horário de trabalho, observo que utiliza sandália de tira grossa (tipo papete), short abaixo do joelho (masculino), camisa larga básica, boné e uma sacola de cordões que carrega em suas costas. Observo em sua postura sempre ombros inclinados para frente, o andar me remete a

uma situação como se estivesse carregando algo, um peso nos quadris que reflete nos passos firmes. O que define bem seu humor e jeito de encarar a vida.

Ana é uma garota jovem, parda, alta, pertencente a camadas médias. Ela tem um cabelo longo e reto sem nenhum corte específico, utiliza sutiã sem bojo (ou top de academia), camisa larga e bermuda. Diz não se sentir vaidosa. No seu andar é perceptível o peso e firmeza dos seus movimentos, mesmo não tendo sobrepeso. Passou por um processo de migração que foi importante na sua história, vindo do interior para morar em Salvador. Afirma ser muito tímida, mas naquele momento se abriu comigo e contou-me sua história.

Léo é um jovem negro, cabelo bem curto, veste camisa branca, cordão no pescoço, bermuda larga e top no estilo de academia. É de camadas popular e candomecista. Assim como Joana, engraçado no seu jeito de falar sobre os relacionamentos e outras mulheres que circulam suas relações sociais, Léo, não tinha ambição de usar hormônio, afirmava estar em transição. Procurando um lugar de identificação, Léo brinca com a categoria homem lésbico, mulher diferente, masculina e outras.

No primeiro encontro, Léo se identificava como mulher lésbica, com o decorrer da pesquisa desejou usar um nome social no masculino e ser reconhecido como tal. Por isso, essa situação faz com que eu respeite o seu gênero e o trate no masculino ao longo do texto. Seus depoimentos são os mesmos colhidos no período anterior. No último capítulo Léo me conta sobre o conhecimento a respeito do universo dos homens trans na cidade de Salvador e emite opinião sobre. Neste momento irei me ater à descrição delas e dele, e aproveito para destacar uma situação parecida sobre a fluidez dos atos performativos de gênero. Na tese de doutorado de Regina Fachinni (2008), “Entre umas e outras. Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo” o seu principal informante tornou-se travesti no decorrer da pesquisa. Essa questão foi contemplada com uma elucidação muito coerente:

Embora esta não seja uma tese sobre transexualidade, o caso de Betão, assim como os de Souza e de Silveira (sobre os quais falo um pouco mais no último capítulo), me ensinaram lições práticas sobre a necessidade de pensar a subjetividade como algo sempre "em processo" [Brah, 2006]. Mas, principalmente, que é preciso considerar que o fato de ter sido

identificada no nascimento como alguém do "sexo feminino", não exclui uma série de variações nas performances e nas identificações a gênero, ao longo da vida. (FACHINNI, 2008, p. 43)

Portanto, assim como Betão contribuiu bastante para a pesquisa e a fez perceber outras questões pertinentes, Léo também teve grande relevância apontando importantes percepções sobre o universo trans, mesmo antes de se referir a ele mesmo no masculino. Ainda em concordância com Regina Fachinni trago o pensamento citado acima da autora Avta Brah sobre identidades e subjetividades, ela diz:

Questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. Identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança (BRAH, 2006, p. 371).

Sobre a relação de constante mudança e estar “em processo” acredito que um conceito chave para se refletir esse jogo de representações e poder presente no cotidiano é a noção de poder como algo não hegemônico. Para Michel Foucault poder na verdade se centra nas relações, ou seja, não é concebido como algo estável, uma entidade suprema, mas se faz presente no ato, no corpo e outras situações únicas. Nas sociedades contemporâneas as relações de poder se organizam de forma sistêmica uma em cada diretriz gerando no cerne uma explosão das categorias. No caso das masculinidades em corpos femininos a relação de poder é dinâmica, uma vez que a relação de poder pode ser revertida em função do gênero. Ou seja, utilização da masculinidade como espaço de poder dentro das hierarquias presentes nas estruturas sociais históricas.

As mulheres masculinizadas utilizam também dos privilégios do universo masculino. Como por exemplo, a relação de Joana com seus irmãos. Ela informa que: “*Eu andava com todos eles. Eu era cuidadosa, cuidava deles. Meu negócio é botar dinheiro em casa, correria.*” A expressão de Joana me

remete a um posicionamento que nas representações de hegemonia masculina segue o papel de gênero⁶ masculino e patriarcal, “aquele que coloca dinheiro em casa”. O poder advindo do dinheiro e da “provisão” garante uma relação de poder hierárquica opressora momentaneamente, ou seja, circulante (FOUCAULT, 1993), pois nesse quesito se mostra pertencente, já em outros, por fatores como o sexo biológico, não correspondente ao seu ato performativo, caracterizando-se uma situação de opressão pela sociedade e família.

Na trama de poder não hegemônico é importante também pensar como ferramenta da análise o local de fala de cada interlocutora e as diferenças vivenciadas de acordo com os contextos e relações de poder. Avta Brah exemplifica essa articulação de forma bastante significativa:

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica. Vidas reais são forjadas a partir de articulações complexas dessas dimensões (BRAH 2006, p. 341).

As articulações nas relações sociais revelam marcadores históricos, identidades, subjetividades e outras diretrizes que tecem o corpo no coletivo. Para cada pessoa, marcadores sociais trazem experiências diferentes. Nesse caso, a migração de uma cidade do interior para uma capital foi para Ana, naquele momento uma ação libertadora do contexto preconceituoso que a perseguia:

Eram muito pesadas às perturbações. Para mim era horrível, eu acho que não tinha um dia que eu não morria de chorar por causa disso. De perguntar se eu era menina ou menino, esse

⁶ Para Miriam Grossi (1998) o conceito de papéis de gênero é: “entendido no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra. A Antropologia, que tem com o objetivo estudar a diversidade cultural humana, tem mostrado que os papéis de gênero são muito diferentes de um lugar para outro do planeta”.

fator me incomodava demais, mas isso já era suficiente para atrapalhar em tudo e me deixar muito mal [...] Em vários lugares, colégio, rua onde eu morava, tinha até lugares no interior que eu nem passava para não passar por isso, que era certo me gritarem! Até lugar que eu nunca fui na vida tinha uma pessoa para falar uma coisinha assim, sabe? E eu era travada de chegar de cabeça baixa e não levantar um segundo. Isso melhorou demais quando eu voltei para Salvador (Ana).

A timidez, segundo Ana, é presente em toda sua vida e grande parte desse fator foi agravada pela violência verbal e preconceituosa. Nesse depoimento alguns territórios são descritos como locais de opressão, por isso evitava passar por ruas onde moravam pessoas da sua cidade de origem que iriam pronunciar palavras violentas por conta do seu “jeito de ser”. A estrutura de sentimento formada durante a adolescência teve interferência das convenções sociais de gênero nos limites do que era permitido ou não para uma garota. Na adolescência fatores complexos relacionados ao corpo, território e sexualidade se articulam. Léo morava sozinho, pois sua mãe faleceu enquanto era criança aos sete anos e o pai abandonou, após viver em várias casas de parentes, Léo preferiu morar sozinho. Em sua casa frequentavam em sua maioria mulheres, sendo amigas e namoradas:

Eu tive que criar uma estratégia ao mesmo tempo para não ser reprimida, por morar em bairro periférico [...], eu tinha medo, como eu morava sozinha eu não sabia o que se passava na mente dos homens, se eles me enxergavam como um fetiche ou não. Então, eu meio que era assim boa praça com todo mundo, mas não misturava [...], tinha medo de ser estuprada, pois já tinha visto vários casos (Léo).

Da mesma forma que semelhanças estéticas são encontradas nas histórias, por conta das expressões corporais de gênero, entraves sociais também são vivenciados por esse cerne. Nesse depoimento a categoria de classe se articula com o gênero e corpo por fatores desinentes ao local de moradia, nesse caso, periférica. Outras desigualdades são agravadas em decorrência de diversas categorias presentes nos corpos e ficam nítidas através da articulação e encontro dessas categorias. Nesse universo de pesquisa as categorias de raça, classe, geração e migração são fundamentais nas análises das falas.

Abaixo apresento um quadro comparativo que construí com o objetivo de abranger algumas das categorias de análise que criam múltiplos cenários (figura 4). A diferença deve aqui ser percebida segundo o conceito definido por Avta Brah (2006), em que a diferença não é sempre um conceito de hierarquia e opressão. É formado a partir da contingência de situações se revelando igualitária ou não.

Figura 4 – Quadro comparativo de identidades, BA, 2014.

| QUADRO COMPARATIVO | | | | |
|---------------------------|-------------|---------------|----------------|-----------------|
| Pseudônimos | Raça | Classe | Geração | Migração |
| Cláudia | Branca | Médias | Velha | Migração |
| Joana | Parda | Populares | Adulta | Não houve |
| Ana | Branca | Médias | Jovem | Migração |
| Léo | Negro | Populares | Jovem | Não houve |

Procurei desenvolver uma forma de visualização mais simplificada das categorias para localização das fala e maior discernimento. O quadro comparativo possui como objetivo designar os locais de fala, de acordo com os dados colhidos nas entrevistas. Para cada interlocutora destinei os marcadores sociais estruturantes de raça, classe, geração e migração. A escolha desses marcadores não foi feita de forma aleatória, durante as análises, percebi semelhanças e diferenças nas histórias de vida que existiam por conta dessas categorias. Esses indicadores dos locais de fala também são compartilhados por mim na introdução, local em que me apresento, na tentativa de desenvolver um saber localizado. Para desenvolver a argumentação sobre saberes localizados.

Donna Haraway valoriza o potencial de envolvimento com a pesquisa e tece uma crítica à objetividade científica descorporificada, ou seja, a ciência ocidental produziu/produz e alega como verídica uma ciência técnica a qual o sujeito não é o ator/agente daquela realidade:

Saberes localizados requer que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento "objetivo". A observação é paradigmaticamente clara nas abordagens críticas das ciências sociais e humanas, nas quais a própria agência das pessoas estudadas transforma todo o projeto de produção de teoria social. De fato, levar em conta a agência dos "objetos" estudados é a única maneira de evitar erros grosseiros e conhecimentos equivocados de vários tipos nessas ciências (HARAWAY, 1995, p 36).

A agência se faz necessária por detectar as diferenças do ator/agente conforme seu contexto. Emerge da epistemologia feminista essa preocupação da presença de um corpo na ciência. Na relação do/a pesquisadora com a interlocutora não vou à procura de uma homogeneidade de dados, pois o ambiente, o corpo e as diferenças sociais irão externar múltiplos lugares e singularidades nos depoimentos enriquecendo os resultados.

Neste capítulo busquei descrever densamente todos os aspectos e comportamentos que constituem esteticamente e contextualmente as minhas interlocutoras através dos encontros análise das entrevistas. Primeiramente exemplifiquei com uma obra de representação ficcional para melhor visualização do e da leitora, contendo imagens e trechos de um dos episódios no tópico "Sapatão". Após, fiz a apresentação das mulheres masculinizadas, articulando as categorias que preenchem as estruturas sociais. Sobre a importância da categoria mulheres masculinizadas e a estética, que significam um dos pilares desse trabalho, é notável nas falas, a recorrente procura por uma palavra que signifique a junção entre comportamento e estética, exemplo; "ser largada" e "fechadona". Começo a falar um pouco dessa função do "estilo" para no terceiro capítulo aprofundar na questão. Nesse depoimento, Léo demonstra a importância do estilo/tipo de roupa que ele usa e como pode se tornar a identificação da aparência:

Então eu já gostava desse estilo largado. Daí, quando fui tendo namoros com meninas elas pediam para eu disfarçar, vestir saia (parecia um travesti), vestir blusinha, vestido e tal. Comecei a perceber que tanto elas quanto meus amigos, ficavam com discurso que poderia ser o que quisesse, mas que fosse feminina (Léo).

Tomo essas expressões como categorias nativas, pois significam a leitura que as mulheres fazem de si. Forma de identificação de uma construção de gênero. É perceptível também a utilização preconceituosa advinda do senso comum para algo que aparentemente seria “desconfortável” em relação às travestis. Gênero, nesse caso, para Léo, está ligado às convenções sociais de feminilidade e masculinidade atribuídas a esse corpo biológico. Por isso as travestis não seriam “mulheres verdadeiras”, pois recorrem a artigos femininos de moda e vestimenta para se “caracterizar”. Falarei mais sobre o assunto no terceiro capítulo: estética, corpo e sexualidade.

CAPÍTULO 3 ESTÉTICA E MODELOS DE SEXUALIDADE

Considero esse capítulo o mais denso, pois irei aprofundar nas concepções de estética, corporalidades, geração, comportamento e modelos de sexualidade. De que forma os padrões de gênero influenciam as vivências e relações de sexualidade? Quais as relações com o mundo familiar durante a sua trajetória? De que maneira se estabelecem modelos de sexualidade? Qual a diferença geracional entre as interlocutoras? Essas são algumas perguntas que me guiam nesse próximo capítulo.

Apresento nesse capítulo cinco tópicos que trazem discussões oriundas dos depoimentos e que se mostraram importantes para uma análise mais profunda. O processo da escuta, leitura e reflexão das entrevistas me possibilitou essa percepção. O primeiro tópico se chama “dividindo o mundo”, nele, procuro trazer a presença da distinção de gênero, convenções de masculinidade/feminilidade e estética. No segundo, abordo a questões levantadas por Léo sobre a categoria transhomem; visão dele a respeito e composição estética. No terceiro tópico, abordo as relações sobre as dimensões subjetivas e relações sociais da sexualidade, além do envolvimento da família no reconhecimento da prática sexual. Em “desejando as ladys”, como diz o próprio título, reflito sobre a atração afetiva/sexual, modelos de sexualidade e composição do desejo a partir de convenções de gênero. Por fim, analiso os depoimentos de Cláudia a partir da categoria social geração em comparação com as outras interlocutoras.

3.1 DIVIDINDO O MUNDO

Para se compreender a composição de estilo, composição do visual das mulheres masculinizadas é necessário recorrer as suas histórias e de que forma as imposições de gênero fizeram parte de suas trajetórias. A expressão de um estilo se apresenta nas divisões hegemônicas de gênero, ou seja, do que é considerado masculino e feminino. A categoria "mulheres masculinizadas, não são se enquadram um padrão hegemônico de masculinidade e feminilidade, por isso são marginalizadas. A categoria mulher masculinizada não significa algo crescente e contínuo para alcance de um modelo de "macho alfa"⁷. O processo de composição de um estilo é permeado pelas expectativas sociais hegemônicas. As ligações que o senso comum faz entre o sexo biológico e gênero estão borradas, por isso, é necessário distinguir. O senso comum no que se refere a gênero concebe apenas polos estanques de comportamento e estética decorrentes do sexo. Ou seja, é entendido que gênero está aliado ao sexo e por isso deve manter-se o destino biológico. Os estudos de gênero trazem em seu cerne inicial a separação entre e sexo e gênero. A produção de conhecimento científico, aliada ao movimento feminista permitiram o questionamento do "ser mulher" e das relações de gênero. No texto, "Relações de gênero: uma breve introdução ao tema" escrito por Cecilia Sardenberg e Márcia Macedo, as autoras conceituam:

Gênero não é sinônimo de sexo, pois, quando falamos em sexo, estamos nos referindo aos aspectos físico-fisiológicos que distinguem os machos das fêmeas da espécie humana. Por outro lado, quando nos referimos a gênero, estamos refletindo acerca de processos de construção cultural de relações que não decorrem de características sexuais diferenciadas entre homens e mulheres, mas de processos construtores dessas diferenças, produzindo, nesse movimento, desigualdades e hierarquias (SARDENBERG, MACEDO, 2008, p. 35).

Com base nessa distinção entre convenções de sexo e gênero é possível compreender as imposições de poder, hierarquias sobre qualquer comportamento que não corresponda ao padrão social, histórico, cultural e

⁷ "Macho alpha" é a designação de um indivíduo dominante e confiante, que exerce uma função de liderança perante outros elementos do grupo.

ocidental de gênero. Subverter os *scripts* hegemônicos de feminilidades e masculinidades, também chamados de papéis de gênero, não significam somente uma ruptura com a lógica binária, mas sim um posicionamento político diante da sociedade. Por isso, compreendo que sexo e gênero são mutáveis e ambos construídos socialmente e passíveis de transformação.

A visão externa também faz parte da construção do corpo e subjetividade. A dualidade dos papéis de gênero descritos pelo olhar do outro, tem grande peso na reflexão de Ana, o que significa: ser “feminina” ou “masculina”, por exemplo, *“Não tenho intenção que seja assim, mas acaba sendo, pois eu não sou vaidosa, é mais o que as pessoas pensam. Não me considero, eu sou fechadona [...], apesar da “alma ser feminina.”* A consciência passa por diferentes momentos. Primeiro, na forma de vestir somado ao comportamento, sobressaindo um lado “masculino”; Segundo, na justificativa em evidenciar uma “alma feminina”, dando um caráter mais sensível a sua personalidade. No depoimento, considero a negação de um “arquetipo” como algo positivo, pois garantem as dinâmicas de gênero no que diz respeito ao estilo e as subjetividades.

No mesmo caminho, em relação ao posicionamento questionador da “ordem”, Jack Halberstam (1998), diz: *“Utilizo el tema de la masculinidad femenina para explorar una posición de sujeto queer que puede desafiar conéxitolos modelos hegemónicos que determinan como deben ser los géneros.”* A ruptura com os modelos hegemônicos além de questionadores dos padrões de gênero não posiciona o sujeito em um lugar confortável da masculinidade ou feminilidade. Essa situação é sempre instável e desestabilizadora aos olhos dos outros, por hora pode ser considerado como um homem por conta dos signos e comportamentos, por outra não, sendo vista como uma mulher masculinizada. A fala de Cláudia é pertinente a relação com o contexto como definidor de visibilidade maior da masculinidade, portando, ela diz:

Eu uso calça comprida, sapato baixo no geral. Por exemplo, pra trabalhar sandália, mas sandália de salto baixo, não uso maquiagem. Cabelo, meu cabelo natural sem intervenção. Então, eu acho que isso pode para muita gente, ter uma leitura de ser masculinizada. Principalmente essa coisa de não me maquiar. Não pintar as unhas, usar a unha cortada rente. No

ambiente de trabalho isso é bem caracterizado. No gestual eu acho que tenho tiques masculinos e femininos, posso ter essa leitura de masculinizada. Por outro lado, dependendo do ambiente quase que passa despercebido. Se estou em um ambiente assim... sei lá. Vamo pegar um... bar. Eu citei pra você aquele ferros bar. A forma como eu me vestia lá no ferros bar, nossa! Era feminina, Entendeu? Porque lá as mulheres usavam uma coisa que eu nunca usei... chegavam a usar gravata. Era um padrão masculino de fato, padrão mais conservador. Não usavam bolsa, usavam carteira no bolso de trás. Usavam aqueles cintos e sapatos masculinos. Num ambiente assim... eu tava fora da estética. Num ambiente geral, eu acho que, principalmente no ambiente de trabalho, eu to fora do padrão, principalmente por sempre ter trabalhado em grandes empresas que sempre tem aquele padrão. Sem dúvida!” (Cláudia).

A composição de um estilo e o uso de determinadas roupas estão relacionadas a uma norma estética. Para as mulheres masculinizadas notei a presença do argumento, “é o meu jeito”, ou, “é o mais confortável” como forma de especificar o tipo de roupa que mais a agrada. Partindo também de um pressuposto que uma roupa extremamente feminina (sapato alto, saia, acessórios e blusas decotadas) caracterizam desconforto. Então, pergunto complementando o descrito acima, sobre o que Cláudia entende por estética:

A coisa da estética, quando eu era jovem... dezoito ou até mesmo meio adolescente... Claro que me incomodava. Por exemplo, na rua: Você é homem ou mulher? Depois isso passou a não me incomodar mais. E hoje eu tenho essa cara de tia, velha, gorda e barriguda. Não me incomoda não! Quando era bem mais jovem me incomodava um pouco. Sabe... Não era nem me confundi com homem... Não era ser confundida... Mas era das pessoas falarem, julgarem; você é machona! E outra que eu sempre fui atrás de um jeitão meu que eu me sinto muito bem, confortável. Me visto de uma forma que eu acho confortável. Então, vestido nunca me atraiu, nunca me senti a vontade de vestido. Já usei saia! Teve uma fase que eu gostava disso, que era uma tal de saia calça, que era quase um bermudão e eu trabalhava com isso, adorava! Hoje eu acho horrroso! Não projetando uma coisa ou, eu quero parecer uma coisa... Sempre foi muito dentro do meu conforto (Cláudia).

A preferência por artigos de vestuário que não sejam vestidos e saias ou shorts curtos é unânime entre as mulheres masculinizadas entrevistadas. A construção de uma aparência de gênero é presente. Berenice Bento, no

capítulo “A estética dos gêneros” aprofunda essa questão nas experiências das mulheres transexuais.

O sentido que se atribui às roupas e aos acessórios liga-se a um campo mais amplo de significados que extrapola a ideia de um “gosto pessoal”, vinculando-se às normas de gênero que estabelecem determinadas formas de cobrir o corpo sexuado. As roupas não cumprem exclusivamente um papel funcional” (BENTO, 2006, p. 162 e 163).

Compartilho do pensamento exposto por Bento no que diz respeito ao extrapolar o “gosto pessoal”. No caso das mulheres transexuais essa construção muitas vezes se torna ainda mais necessária⁸ por requerer mais artefatos e também intervenções no corpo. No caso das mulheres masculinizadas essa escolha pessoal também é compartilhada. O universo da moda entra nesse processo de construção do estilo de maneira muito importante.

A moda⁹ e o corpo interagem de forma a se complementarem. No artigo “Redesenho e construção da aparência no grupo das travestis de salvador” Carol Barreto de Lima exemplifica essa articulação entre corpo, subjetividade, estética e moda.

O corpo se articula com a roupa de tal maneira que sem este os discursos compostos pela moda enquanto modo de gerenciamento da aparência se fazem incompletos. O corpo atua na mediação entre o ambiente externo e a interioridade do indivíduo, equilibrando as possibilidades de transformação da carne e as ambições de auto-realização dos homens. A exploração e a experimentação deste espaço não se dá apenas por meio das peças de vestuário, mas consideramos neste trabalho em especial os processos de interferência corporal caracterizados por meio do redesenho estético corporal. (DE LIMA, 2008, p. 5)

A moda, as peças, roupas, sapatos e acessórios ultrapassam os valores da funcionalidade são lidos e utilizados de forma valorativa e subjetiva. Nessa

⁸ Independente do desejo em construir uma aparência de gênero com uso ou não de intervenções médicas, todas as pessoas devem ser respeitadas na forma que desejarem ser reconhecidas.

⁹ Segundo Lipovetsky (1989) “[...] a moda muda incessantemente, mas nem tudo nela muda. As modificações rápidas dizem respeito aos ornamentos e acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas mais gerais são muito mais estáveis” (LIPOVETSKY, 1989, p.31-32).

articulação entre o corpo e as peças do vestuário o corpo carrega a subjetividade das suas histórias de vida, modos e comportamentos vivenciados. A indumentária materializa as expectativas do desejo, formação de estilo ou identidade em sintonia com o contexto e temporalidade. Compreendo que essa dinâmica entre corpo e moda extrapola os limites polarizados de gênero para ambas as perspectivas. E enterra qualquer tipo de originalidade masculina ou feminina e dá vazão a liberdade e vivências múltiplas.

A escolha de uma roupa masculina e modo de se vestir tem total relação ao se “sentir bem”, como as interlocutoras contaram, mas evidenciam também uma busca pelo que sempre foi negado por conta das prisões de gênero. Joana, por exemplo, associa o não “enquadramento” às convenções de gênero com uma questão de ser ou não ser normal e diz: *“Rapaz... eu me percebo como uma pessoa normal só que mais masculina”*. A relação sobre o que é normal estabelece a noção inversa de desvio. Ou seja, o ato performativo mais masculino compartilhado em seu corpo, para Joana, não deve atrapalhar suas relações de convívio social, sanidade mental e outras questões ligadas ao que ela considera uma normalidade.

As convenções de gênero estabelecem normas e regulamentações psicológicas que além de gerir diversos aspectos da vida e história da cultura ocidental estabelece a noção de “desvio de gênero” como uma patologia para aquele ou aquela que extrapola esses limites. Por exemplo, ao me contar sobre: a forma de vestir, peso corporal e comportamento. Ana comenta sobre como isso é apontado de forma pública, ou seja, como se dá essa interpretação das outras pessoas em relação ao seu ato performativo. *“Sapatão, machão, moleque macho... Sempre fui muito grande e juntava as duas coisas”*. A leitura social categoriza o que não está dentro do padrão, sendo assim algo encarado como algo desviante. Por isso essa interpelação sobre o corpo ocorre sempre de forma ofensiva, punitiva e preconceituosa.

Dividindo o mundo, nome que dei a esse tópico significa a maneira como as vidas são direcionadas para espaços opostos, vivências opostas, dessa forma, limitando as oportunidades de experiências.

3.2 TRANS

Ser mulher masculinizada não é um caminho/passo subsequente para se tornar um homem trans. Como citei no começo desse trabalho a categoria trans é de conhecimento de quase todas as interlocutoras e, mesmo assim, elas não me pareceram interessadas no tema. Leo, meu informante que se tornou um homem trans ao longo da entrevista, trouxe elementos para eu pensar sobre essas questões. Somente Léo tem um pouco mais de conhecimento sobre a transexualidade masculina, mas pondera várias questões como a reprodução do sexismo presente no universo masculino e a necessidade em fazer modificações corporais. Durante sua entrevista ele me contou sobre a sua relação com o corpo e um possível processo de intervenção médica:

Se eu tivesse que tirar, tiraria numa boa, assim como mulheres colocam silicone. Eu me considero uma mulher e ao mesmo tempo homem. Não quero colocar um pênis, nem quero tomar hormônio, queria mesmo era ficar um pouco forte e chegar um pouco do masculino em relação ao corpo e pronto (Léo).

Ainda sobre a categoria trans, Léo fala sobre sua relação com o corpo, identidade e relação com os homens trans na cidade de Salvador no período da entrevista:

Conheço até uns meninos daqui e eles ficam me perguntando: iae, você é o que? Me pressionando e eu não sou igual a eles. Eles são homens hetero, machistas e carregam todos os estereótipos de homem machista e eu não tou afim. Se eu sou uma mulher, sou diferente, não estou nos padrões femininos, ou meu padrão feminino é diferente. Entendeu? E se for homem eu não estou no padrão de homens. Sou um homem lésbico? Engraçado porque dou aula em sala de aula, eu comecei a ir com uma roupa para disfarçar, o que eu não sei? Mas depois foi tranquilo porque tentei mostrar aos meninos que o que importa sou eu em sala de aula. A questão para mim não interessa se me chamam de ele ou ela, não faz diferença (Léo).

Todas essas ponderações de Léo sobre o modelo de masculinidade hegemônica também reproduzida por homens trans são centrais. Léo aponta que não são necessários rótulos, nem qualquer violência de gênero para que possa haver afirmação da sua identidade masculina.

Considero enriquecedor a reflexão trazida por Léo, pois questiona tanto modelos de gênero e sexualidade envolvendo masculinidade em homens trans, quanto de masculinidades vivenciadas em corpos femininos.

3.3 “SE ELA NÃO COME PIMENTA EU COMO!” MODELOS DE SEXUALIDADE E HISTÓRIA DE VIDA.

Os modelos de sexualidade, desejo e entendimento sobre a identidade sexual das mulheres masculinizadas é algo que envolve dimensões subjetivas e uma multiplicidade de características que busquei escutar e compreender. Para pensar sobre essas dimensões sociais da sexualidade, utilizo um excerto de Jeffrey Weeks em que ele aponta:

A sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos) e com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas, porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades (WEEKS, 2010, p. 52),

As duas perspectivas aqui indicadas por Weeks demonstram aspectos que regem de forma normativa a sexualidade. A primeira refere-se aos “valores sociais” que seriam a moral e a constituição do indivíduo, enquanto sujeito e cidadão. Já a segunda está ligada à regulamentação social sobre o comportamento sexual. Essas duas perspectivas culminam na importância do corpo, que se torna relevante para leitura e reflexão dos depoimentos. Na trajetória de vida, durante infância e adolescência os atores que circulam nos ciclos sociais das interlocutoras apontam como destino do seu desejo a lesbianidade por conta do seu corpo e comportamento. Joana conta como foi percebido isso durante a adolescência *“Quem falava mais era a amiga de minha mãe, dizendo: Maria... essa sua filha é sapatona! Aí minha mãe dizia: vira essa boca para lá!”*. Fala semelhante encontrei na história de vida de Ana:

Me tratavam muito bem, mas você sabe que não gostavam, por causa dos preconceitos. Tava na cara quando eu era guria que em algum momento eu ia... [ser lésbica] sacou? Eu acho que estava muito na cara. Eu era um molequinho, um menininho mesmo. Pelo meu jeito mesmo! (Ana).

A família, nesse momento, se cerca de medo em relação à quebra das expectativas hegemônicas da heterossexualidade, apegando-se então, ao um pânico moral em relação à projeção do futuro das suas filhas. Esse pânico moral é conceituado por Weeks como:

Os pânicos morais cristalizam medos e ansiedades muito difundidos, e muitas vezes lidam com eles não pela procura das reais causas dos problemas e as condições que eles demonstram, mas deslocando-os como “Demônios do Povo” em um certo grupo social identificado (comumente chamado de “imoral” ou “degenerado”). A sexualidade tem tido uma centralidade particular em tais pânicos, e os “desviantes” sexuais tem sido bodes expiatórios onipresentes (WEEKS, apud RUBIN, 2014, p. 14).

Esse pânico é construído socialmente baseado na concepção da homossexualidade como algo sujo e patológico. Como já foi citado em outros momentos nesse trabalho a conduta sexual é algo vigiado e regulamentado por padrões morais e religiosos. A homossexualidade se apresenta como uma prática ameaçadora da família, saúde e civilização em si.

Segundo Sarah Schulman essas experiências se caracterizam de duas formas:

Existem duas experiências que a maioria dos homossexuais compartilha. Uma é a de “assumir-se”, processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, que não tem quaisquer paralelos na vida heterossexual. A segunda experiência comum é que fomos, cada um de nós, em algum momento de nossas vidas, inferiorizados por nossas famílias simplesmente, mas especificamente, por causa de nossa homossexualidade. Essa experiência é, por sua vez, espelhada pelo sistema legal e pelas estruturas sociais dominantes, através das quais as pessoas gays devem viver, assim como nas artes e nas indústrias de entretenimento, as quais selecionam e controlam nossas representações. Como consequência, a exclusão familiar e a inferiorização é comumente estendida pelo comportamento com o qual as pessoas gays tratam umas as outras. (SCHULMAN, 2010, p. 10)

Essas duas vivências citadas por Schulman, envolvem questões subjetivas, ou seja, sentimentos, medos, expectativas que no momento do

“assumir-se” são fracionadas por conta das representações normativas de sexualidade, gerando mais sentimentos de inferioridade.

As expectativas dos pais e familiares são baseadas em padrões femininos e masculinos decorrentes do sexo biológico. Quando o pai de Joana percebeu sua potência e pró-atividade nas tarefas domésticas (aquelas que exibem uma relação com o comportamento hegemônico masculino, como a construção de uma casa) o medo de uma prática sexual/afetiva lésbica com outra mulher no futuro se fez presente naquele instante. Isso fica perceptível nessa fala atribuída por Joana a seus pais:

Deixa eu contar um caso... No dia que eu cheguei lá com a minha mulher (casa do pai), apresentei ao meu pai. Olha, essa aqui é Débora. Aí ele disse: Tou vendo... mas rapaz, eu já sabia que você ia ser... gostar desse lado. Desde a primeira vez que eu tava debaixo de chuva levantando bloco para construir a casa e você veio para junto de mim para querer ajudar... foi aí que eu percebi (Joana).

Nessa fala, o pai desabafa com a filha após muitos anos, sobre a leitura premeditada dele do que representa masculinidade. Acredito que essa “coisa de homem” que envolve a liberdade em não se manter limitado ao universo feminino, somente pelo fato de ter nascido com uma vagina é percebido na infância pelas pessoas mais próximas, nesse caso, os pais. Diante disso e do pânico da homossexualidade, o comportamento pró-ativo das minhas informantes é podado e negado. Isso acontece por conta das regulamentações sociais.

Na adolescência e juventude as normas permanecem na relação familiar. Sobre afetividade e relações com outras mulheres as regulamentações descritas são semelhantes em seus depoimentos, seja por motivos religiosos, ou não, o pânico moral se apresenta nas falas:

Minha mãe não me aceita. Não aceita quem eu sou. Ela acha que eu tinha que ser mulher. Realmente eu não posso fazer isso por ela. Porque, se ela não come pimenta, eu como! [...] Ela não gosta porque é cristã e ela não acha que essa é a minha vida (Joana).

Tinha até uma banda “teen” na época que se chamava T.A.T.U. Que eram duas meninas, né, que se beijavam e que diziam que eram lésbicas para poder se promover. Ficava

fascinada e eu comprei a revista. Minha vó me dava cinco reais de mesada e eu comprei a revista “Capricho”, para desenhar também os modelos, lá tinha essa matéria, daí foi louco, porque minha mãe viu e falou: O que é isso, negócio de sapatão! Você beija menina? Aí eu respondi: O que tem só um beijinho? (Léo).

Você faz o que quiser da sua vida, contando que não faça loucuras. Tipo, nos estamos aqui e agente te apoia no que você quiser, mas vamos dizer assim: Você tem os limites, né? Na minha família é assim: Meu limite é esse, não venha interferir na minha vida. E qual o limite deles para mim? Eu não vou levar uma pessoa e ficar beijando na frente das minhas tias. E é assim que a gente convive (Cláudia).

Para Joana a punição contra seu desejo sexual se apresentam através da religião e a figura da mãe. “Ter essa vida”, ou seja, ser lésbica é uma escolha que transgride a moral religiosa e a boa convivência com a família. Para Léo, a mãe se cerca com o terror e utiliza a palavra “sapatão” para exibir toda sua indignação e preconceito com a possibilidade da filha se envolver afetivamente com outra mulher. Já para Cláudia a relação com a lesbianidade e a família é algo acordado entre as partes, mas que devem estar dentro dos “limites” acordados, para que, se possa alcançar uma “harmonia” com o núcleo familiar. Os limites, na verdade, significam a não demonstração de carinho e afeto em público ou no ambiente familiar.

Percebo que a relação de Cláudia se enquadra muito no que diz Sarah Schulman:

Entretanto, ainda hoje, as famílias estão mais propensas a “tolerar” os homossexuais, isto é, a mantê-los em uma posição de menor valor do que aprender com eles e se inspirar em seu conhecimento (SCHULMAN, 2010, p. 69).

Os limites criados, ou locais designados em que os homossexuais devem estar, ousem “manter” na família, indica como é entendida a partir da matriz heterossexual, a centralidade da norma. É como se houvesse uma concessão do núcleo familiar heterossexual, sejam por motivos de convivência, status e outros quesitos. Ao invés de criar uma conscientização sobre homofobia e preconceito a postura é o da “permissão”.

No depoimento de Léo, a relação com a família melhora após entrada em uma universidade, mesmo assim, por causa da estética ainda é problemática a relação:

Parente eu quase não tive ajuda, depois que eu passei que me enxergam dizendo que faço faculdade pública. Essa questão sexual na família também não é fácil. Sempre falam e agora parou um pouco. E como eu tou mudando muito meu jeito e ficando mais masculinizada é pior ainda, me olham como se eu fosse um E.T., vou lá porque considero minha vó que é mãe de minha mãe e ela também sente falta de minha mãe, então, vou para tentar suprir, mesmo que isso não aconteça, mas quando ela morrer não vou mais. (Léo)

A homofobia familiar é algo que retrata como ocorre o vínculo entre parentela e núcleo com a mulher lésbica, implicando em sentimentos de não pertencimento ou inferioridade diante da heteronormatividade.

Neste tópico, trouxe o desejo como grande motivador das relações seja por conta da estética, por fatores afetivo-sexuais ou os dois. Esse desejo é construído durante a história de vida de cada uma das mulheres que me concederam esses depoimentos. Diante das várias estruturas que as cercam, se a família se apresentou como uma das maiores etapas a serem “superadas” no que se refere a “aceitação” e revelação da sua homossexualidade ou não. Deste modo, concluo esse tópico com a certeza que as questões subjetivas que envolvem o medo da punição, timidez e retração de experiências acontecem por pressões dentro do universo do núcleo familiar.

3.4 DESEJANDO AS LADYS

Das perguntas iniciais e que para mim complementam a relação criada com a estética, se voltam sobre o tipo ideal desejado sexualmente. Sendo essa uma das inquietações pertinentes nesse processo. Durante as entrevistas observei que se fazia presente um modelo estético desejado pelas interlocutoras: elas preferem mulheres femininas. Portanto me debruço nesse momento sobre os depoimentos, inclusive, traçando questões relativas a ser passiva ou não em decorrente da sua expressão corporal de gênero.

Como ferramenta para alcançar a visão das mulheres masculinizadas sobre os corpos e estilos das outras mulheres com quem se relacionaram afetivo/sexualmente, indaguei para Ana sobre a sua primeira namorada e qual o referencial de garota que ela considera “bonita e atraente”, ela me descreveu:

Era baixinha, magrinha, bonitinha do cabelo lisinho, branca, basicazinha. Eu gosto de menina bem normal, sem muito estilinho, é sempre assim e bem normal, tipo, não gosto que pareça muito que é lésbica. Gosto de cabelinho grandinho, básica (Ana).

Ao falar que não gosta nem que se pareça com uma garota lésbica, Ana demonstra ter estabelecido o estilo que lhe agrada: mulheres femininas. Ela aponta, dessa forma, para uma perspectiva dualista na composição da formação de casais entre mulheres. No universo LGBT, como já comentado no início desse trabalho a as relações entre lésbicas partem muitas vezes de convenções estéticas dualistas de gênero. A partir das polaridades de gênero, minhas interlocutoras diferenciam a si mesmas das mulheres que elas desejam operando as categorias de “*ladys*” e “*bofes*”. Joana me explica como ela se percebe dentro de um estilo e como ela me percebe nesse jogo “*Na nossa linguagem se chama “lady”, no caso, meu estilo é o bofe, entendeu? Elas são “lady”, no caso, você é uma “lady”. Por causa da vestimenta jeito de agir*”. Inclusive, para exemplificar essa relação ela situa o seu corpo e o meu dentro desse universo.

Nesse sentido, minhas interlocutoras diferenciam a si mesmas das mulheres que elas desejam, operando as categorias de “*ladys*” e “*bofes*”. Essa visão dos relacionamentos afetivo-sexuais divididos entre uma mulher “feminina” (lady) e uma mulher masculina (bofe) esteve presente em mais de uma fala. Sobre modelos dualistas, Peter Fry resume:

Pergunto se os sistemas de classificação dualistas não seriam o preço que pagamos pela magia da criatividade, e se é possível vislumbrar uma sociedade que repudiasse tais classificações. Acredito que não. Mas é possível ir além da simples afirmação de crença e explorar um pouco mais a relação entre a maneira de definir identidades sexuais e sociais e o contexto social mais amplo (FRY, 1982, p.109).

Sobre a visão das identidades sexuais e posicionamentos estéticos e dualistas percebo entre as minhas interlocutoras a representação da mulher feminina (lady) e uma mulher masculina (bofe). Sobre esse padrão elas dizem:

Você sabe, tinha o homenzinho e a mulherzinha. Eu não sei dizer se é tão forte, mas tinha uma coisa bem marcada e isso p mim sempre foi uma coisa muito complicada. Nessa relação que eu tive com a Clara, era como se ela fosse esteticamente muito feminina, então, eu era o tal do ativo e ela era a tal da passiva e agente tipo [...] ficava refutando essas coisa, era muito peste, estigma, era terrível! (Cláudia).

Naquela época era bom ter uma mulher dessas porque eu estava me “amostrando” e os homens desejavam. Tenho trauma de mulheres bissexuais, porque teve uma que me engravidou, mentiu para mim e quase que assumo um filho e ela ainda me disse que larguei ela grávida. Como? E ficava fazendo chantagem com a criança, dizendo que precisava de uma mochila e disso e daquilo outro e eu fiquei na obrigação. Eu não sou pai, não tem como (Léo).

Eu sou sapatão, mas se vier homem, não vou me envolver com homem, sou masculino. Eu conheci uma que não se decidiu, ficou com medo de parente, com medo de decepcionar e ela tem filha e neto. Hoje fica arrependida porque ela não agiu antes. (Joana).

Na dicotomia entre masculinidade e feminilidade presente nos relacionamentos, percebo que os depoimentos sobre essas polaridades são constantes, mas distintos em suas opiniões. Para Cláudia o estigma é algo ruim e que deve ser problematizado. Já para Léo, a “lady gostosa” representava o poder masculino em “obter” um corpo feminino desejado por outros homens, mas pondera e assume não querer mais se relacionar com mulheres femininas bissexuais. Por fim, para Joana o posicionamento sobre a masculinidade e sexualidade lésbica é bem definido dentro do padrão.

Ainda sobre relações e desejo, indaguei minhas interlocutoras sobre outras possíveis experiências além de mulheres, Joana me disse, “Homens, eu só tive com meu noivo e foi horrível. Mulheres várias, travestis não! Meu negócio é lady mermo!” Léo é bem mais incisivo em sua declaração e conta: “Eu não vejo um pênis me penetrando”. Percebo então que o desejo homossexual está canalizado somente para outras mulheres, sendo elas, mulheres femininas. Relações com homens ou outras mulheres masculinizadas

não estão dentro das preferências. Considero que esse anseio pelo “oposto” em relação à estética é caracterizado dentro de um modelo compulsório de heterossexualidade.

Tomo como parte do processo de construção estética e de desejo das mulheres masculinizadas a relação *bofe x lady*. Esse “modelo” não deve ser encarado como uma designação de padrão de relacionamentos homossexuais entre mulheres, mas no sentido de demonstração da realidade encontrada nesse recorte. Portanto, acredito ser necessário se obter reflexão sobre convenções de gênero que estão permeadas no olhar, no desejo e sobre a influência dos padrões normativos dos tipos de estética feminina e masculina.

3.5 SEXUALIDADE E GERAÇÃO

Durante a análise das entrevistas percebi que a categoria geração demonstrou especificidades geracionais na articulação com sexualidade nas histórias de vida. Como arcabouço teórico desse tópico compactuo com o conceito de geração discutido por Alda Motta e a contribuição da interlocutora que Cláudia que contribuiu com essa reflexão me permitindo questionar: O que tem de diferente na fala das mais jovens para as mais velhas? Cláudia é mais velha em relação à média de idade das outras interlocutoras. Por conta de fatores geracionais ela vivenciou outros momentos históricos em um outro estado do Brasil durante a “juventude”. Por isso considero relevante esse olhar do que é visto hoje e o que foi observado naquele período.

Um dos primeiros aspectos referentes à geração para as mulheres masculinizadas é o lugar do binômio “ativo/passivo”. Cláudia foi a única que mencionou esse binômio diretamente:

Na época a gente tinha um círculo de amigos e amigas e uma coisa que eu nunca suportei foi essa divisão de ativo/passivo. Eu sempre detestei isso, não só de você rotular a pessoa por uma questão estética, mas sexualmente. Todas as minhas relações homossexuais... Bem, não tem essa de ativo/passivo... qualé?! Mas isso era muito forte, não sei se porque hoje eu não círculo mais nesses grupos tão fechados como era em São Paulo, não sei se isso ainda existe, mas na época era algo muito forte e característico (Cláudia).

Dando continuidade a esse vínculo, Cláudia reflete sobre a relação ativo/passivo e o estigma da masculinidade aliada ao desempenho sexual majoritário. “*Em vez de você abrir a mente, você tem uma relação com a pessoa do mesmo sexo e acaba por reproduzir uma mesma coisa*”. Entendo que para Cláudia ter um relacionamento entre mulheres é algo subversivo diante dos padrões heterossexuais hegemônicos. À vista disso, indaga a presença do binômio ativo/passivo, masculino/feminino nas relações sexuais entre mulheres durante a sua juventude. Acredito que o posicionamento provocador de Cláudia sobre essas normatividades desestabiliza as convenções entre sexo/gênero. O estilo das mulheres masculinizadas, traçado naquele período é marcado por uma questão geracional, ou seja, o tipo de roupa e espaços de sociabilização.

Encontrei uma semelhança entre o depoimento de Cláudia e as reflexões de Regina Fachinni:

No entanto, se há uma proliferação de categorias que não se diferenciam a partir da oposição atividade/passividade, estas partem de gradações minuciosas de masculinidade e feminilidade para expressar diferenciações de classe e idade e compor estilos. Encontramos, ainda, modos de classificação em que "orientação sexual" e categorias que fazem referência a gênero (travestis, transexuais, abacates, moranguinhos, metrossexuais) ou a outras preferências eróticas (BDSMistas, rainhas, escravas, switchers, fetichistas) se desdobram na classificação da sexualidade. Tudo parece mover em relação a um exterior constitutivo, que lembra personagens do modelo "tradicional" ou hierárquico" (FACHINNI, 2008, p. 282).

Fachinni aponta essa reflexão que foi comentada por Cláudia e afirma a ausência dessa comparação entre ativo *versus* passivo como algo não tão exigido atualmente e aproveita para acrescentar falando sobre a proliferação de categorias baseadas em fatores estéticos nos dias atuais.

Desta maneira, Alda Motta (2010) diz, “A geração, em um sentido amplo, representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo”, mostra sua extrema relevância por trazer importantes contribuições no campo histórico.

Neste capítulo a busca esteve em torno do entendimento sobre a construção do corpo, categoria trans, estética, geração e modelos de

sexualidade. Acredito que os depoimentos e falas foram a maior motivação para análise e percepção das trajetórias de vida. Todas essas categorias/identidade e vivências exibem experiências múltiplas mesmo convivendo com a reprodução estética de modelos heteronormativos em suas relações afetivos/sexuais como percebido nos depoimentos. Este resultado pertence a um recorte soteropolitano de histórias de mulheres lésbicas e masculinizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este trabalho de conclusão de curso a partir do envolvimento com o grupo de pesquisa Enlace, e da observação das pesquisas e entrevistas existentes naquele período. Diante do contato com as pesquisas, formulei questionamentos sobre construção estética e sexualidade que apresentei neste trabalho. Entrevistei quatro mulheres lésbicas masculinizadas que se dispuseram a contar-me suas histórias. Debrucei-me sobre seus relatos a partir dos conceitos teórico-metodológicos dos estudos feministas, pós-estruturalistas e dos estudos da Teoria Queer. Como referencial teórico me alinhei aos estudos sobre Masculinidades múltiplas (CONNELL, 2013), (HALBERSTAM, 1998), Mulheres Masculinizadas (MESSEDER, 2012), Performatividade (BUTLER, 2003), Construção da aparência (DE LIMA, 2008), Antropologia feminista (BONNETTI, 2009), Poder circulante (FOUCAULT, 1993), Tipo ideal (WEBER, 2002) e História de vida (SILVA et al. 2007).

Durante o processo das entrevistas, percebi a importância de se escutar as histórias de vida. A confiança que foi depositada naquele momento pertence à esfera da intimidade, onde estão alocados os sentimentos. Acredito que o conceito de subjetividade (ORTNER, 2007) e (GROSSI 1992) proposto neste trabalho foi alcançado com enlace entre teoria, experiência de vida e relato das histórias pelas interlocutoras. Assim como foi um exercício de reflexão para mim no momento da escuta e depois ao analisar os relatos, acredito ter gerado um potencial transformador de percepção interna também para elas.

Esta pesquisa agrega aos estudos sobre mulheres lésbicas (RICH, 2010) e masculinidades, envolvendo outras perspectivas como, corporalidades, estética e modelos de sexualidade (FRY, 1982) de maneira a proporcionar a visibilidade e registrar a importância desse estudo dentro da Teoria feminista. Busquei trazer as experiências de mulheres masculinizadas, essas tiveram que estabelecer a construção da sua aparência e revelação social do seu desejo com todas as discriminações e barreiras preconceituosas de gênero e sexualidade durante as suas trajetórias. Revela-se o potencial das relações sociais e valores morais impostos na família que aparecem como local de punição durante a história de vida de cada interlocutora. Percebi nos depoimentos a relação de poder entre as categorias. Elas se mostraram

estruturantes no exercício de privilégios ou não e nas articulações das identidades.

Sobre estética, não estive disposta neste trabalho, a criar um perfil ou uma caricatura de uma mulher masculinizada como, por exemplo, é utilizado para criação de personagens no teatro e televisão. Compreendi através da estética e sexualidade a construção do corpo no mundo. A aparência é a soma do que é lido socialmente e desejo da expressão da pessoa para os outros. É também a materialização das expectativas sociais juntamente com forma de revelar-se nas relações.

Referente às perguntas que me motivaram e que me levaram as análises dos depoimentos, entendo que, o discurso está aliado à subjetividade para construção da estética e dos modelos de sexualidade que se apresentam nos corpos. Não é possível pensar sem os aspectos subjetivos das relações sociais, pois dela emergem os medos, sentimentos e estímulos de vida das pessoas. A segunda pergunta que me fiz ao me debruçar sobre os meus achados também se fez presente: como as relações de articulação de categorias sociais se sobressaem na vivência dessas mulheres? Foram encontradas para além das relações de gênero, diferenças de classe, geração, migração e raça. Em determinados momentos essas diferenças se articularam gerando novas matizes de preconceito e lugar de fala. Para mim, perceber como as categorias se articulam foi extremamente precioso, pois permitiu a visualização das estruturas sociais e organização desses pilares aplicado na vida das pessoas.

Ainda sobre estética, concluo a presença da relação de estilo, lady x bofe, masculino x feminino. Penso que as relações afetivo/sexuais devem estar além das normas e modelos heteronormativos. Dessa maneira, é possível estabelecer uma quebra da leitura dicotômica que estabelecemos com os padrões hegemônicos de sexualidade, do que é desejável aos nossos olhos e práticas sexuais.

Para concluir, concordo com a importância dada ao corpo como apontou Miriam Grossi (2004) ao dizer que: “O corpo é, portanto, o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero” e aproveito para acrescentar a relevância da estética, subjetividade e relações sociais no delinear da construção das mulheres lésbicas masculinizadas aqui entrevistadas.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, Diferenciação**. Cadernos Pagu (26), São Paulo, janeiro-junho de 2006: p.329-376.

BONETTI, Alinne E FLEISCHER, Soraya; Dossiê: **Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feminista Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada?** P 22- 34, 2007.

BRUSCHINI, C. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A. de O. (Org.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 183-215. (Fundação Carlos Chagas), 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013.

CONNELL, Robert. W. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2. P. 185-206, 1995

BARRETO DE LIMA, Caroline. **Redesenho e construção da aparência no grupo das travestis de salvador**. Anais 4^o Colóquio de Moda internacional, 2008.

FACCHINI, Regina. **Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. 2008. 323 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FOUCAULT, Michel; **A História da sexualidade. V.1: A vontade de saber**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRY, Peter. **Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil**. In: *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p.87-115.

GROSSI, Miriam. Pilar. **Identidade de Gênero e Sexualidade. Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, (versão revisada – 2010), 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 4-37, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. **Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. Trabalho de campo e Subjetividade.** Publicação do grupo de estudos de gênero e subjetividade. Florianópolis, p 07-17,1992.

GROSSI, Simone Avila e Pillar, Miriam. **“Nós queremos somar!” – a emergência de Transhomens no movimento trans brasileiro.** 2014. 12, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

HALBERSTAM, J. **Female Masculinity.** Durham: Duke University Press,1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. ed. 9°. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadenos Pagu. Campinas, Unicamp, v.5, p. 7-41, 1995.

JESUS, Jaqueline G. **Trans-formações: poder e gênero nos novos tempos. Anais do 18º Congresso Brasileiro de Psicodrama.** Brasília: Federação Brasileira de Psicodrama, 2012.

LAURENTIS, Teresa de. **“A tecnologia do gênero”. Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACEDO, M. S. ; SARDENBERG, C. M. B. . **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema.** In: COSTA, A.A.; RODRIGUES, A.T.; VANIN, I.M.. (Org.). **Ensino e gênero: perspectivas transversais.** Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/UFBA, 2008.

MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

MESSEDER, S. A. **E precisa isso?!: Desconstruindo o fio das masculinidades nas vivências de mulheres masculinizadas na infância, na escola e no mundo do trabalho.** In: Tereza Rodrigues Vieira. (org.) **Minorias Sexuais Direitos e Preconceitos.** 01 ed. Brasília: Consulex, 2012, p. 95-107.

MESSEDER, S. A. **Não me acho masculinizada, mas sim arrojada: Os desafios na pesquisa sobre mulheres masculinizadas.**(Apresentação de Trabalho/Comunicação), 2012.

MOTTA, Alda Britto da. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento.** Sociedade e Estado, p. 225-250, 2010.

ORTNER, Sherry B.. **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas.** 2006. ABA, Goiânia. p. 27 – 45, 2006.

ORTNER, Sherry B. **Subjetividade e crítica cultural. Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez,2007

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**.2d., rev. e ampl, 1º reimpressão. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, p. 97 – 137, 2003.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Revista Bagoas, Natal, vol. 4, n.5, p. 17- 44, 2010.

SCHULMAN, Sarah. **Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento**. Revista Bagoas, Natal. vol.4, n.5, p.67 – 78, 2010

SILVA, A. P. et al. **Conte-me sua história: Reflexões sobre o método de História de Vida**. Mosaico: estudos em psicologia, Vol. I, nº 1, 25-35, 2007.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte; Autêntica, p 35-82, 2010

Sites Visitados:

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. 2014. Tradução de Felipe B M Fernandes. Revisão de Miriam Grossi. Disponível em: <<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

Toma Lá Dá Cá. Direção: Cininha de Paula e Mauro Mendonça Filho. Ano de estréia 2005. <Acessado dia 10/08/2014> <https://www.youtube.com/watch?v=w6wByAsotp4>

APÊNDICE A – Questionário utilizado após realização da entrevistas

| QUESTÕES | RESPOSTAS |
|---|------------------|
| NOME | |
| IDADE | |
| ESCOLARIDADE | |
| ESTADO CIVIL | |
| COR | |
| RELIGIÃO | |
| OCUPAÇÃO | |
| PARTICA DE MOVIMENTO SOCIAL? QUAL? | |
| QUANTOS IRMÃOS | |
| MORA COM QUEM? | |
| QUEM É O/A CHEFE DA FAMÍLIA? | |
| QUAL A SUA RENDA? | |
| QUAL O VALOR DA RENDA TOTAL DA CASA? QUANTOS TRABALHAM? | |
| PROCESSOMIGRATÓRIO | |
| MUNDO DO TRABALHO QUANTA OCUPAÇÃO JÁ TEVE E QUAIS? | |
| QUAL O SEU DESEJO PESSOAL? | |
| QUAL O SEU DESEJO COLETIVO? | |
| VOCÊ ACHAQUE VC PARECE COM UM HOMEM? | |
| QUANTA VEZ FOI AO GINECOLOGISTA? E QUE VC ACHA DO TRATAMENTO DELES/AS | |
| OUTRAS QUESTÕES QUE VC GOSTARIA DE RESPONDER | |

APÊNDICE B - Roteiro para orientação de entrevista em campo**LINHA DA VIDA**

Marque no centro da linha a metade da sua idade e no final a sua idade atual



Nós conte no gravador sobre a sua história de vida, partindo do momento mais importante para você.

A infância: a relação com seus familiares, sobre os estudos (sala de aula, professores, colegas e funcionários), suas relações de amizade, relação consigo mesma, suas consultas aos médicos, migração (mudança de bairro).

A adolescência: a relação com os seus familiares, sobre os estudos, suas relações de amizade, relação consigo mesma, suas consultas ao médico, relação com o mundo do trabalho(a primeira experiência), migração.

Da juventude (20-30): a relação com seus familiares, sobre os estudos, sobre suas relações de amizade, relação consigo, suas consultas ao médico, a relação com o mundo do trabalho, migração.

Da maturidade (31-40,41-50,51...)

Por favor responda a seguinte questão:

Como foi sua primeira experiência amorosa?

Você conhece a categoria trans?

Você já teve experiências sexuais com homens, mulheres, transexuais?

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido

Meu nome é Suely Aldir Messeder, sou professora, pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia e coordenadora do Grupo Enlace, neste momento estou coordenando a pesquisa intitulada MASCULINIDADES EM CORPOS FEMININOS: TECENDO ARTICULAÇÕES ENTRE PESQUISA, EXTENSÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE E COM ESTAS MULHERES. Nesta pesquisa pretende-se construir e comparar a trajetória de vida das mulheres masculinizadas, enfocando os períodos de infância, adolescência, juventude e maturidade, bem como identificar questões vinculadas á saúde e ao cuidado com o corpo.

Estas atividades de pesquisas são confidenciais, legalmente protegidas, e a identidade pessoa dos sujeitos participantes da pesquisa será mantida em absoluto sigilo, conforme a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. As atividades serão acompanhadas pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia e não estão previstas quais possibilidades de riscos á integridade pessoal ou profissional dos sujeitos

A s informações das trajetórias de vidas das entrevistas, como trechos, e falas sem identificação destas, poderão ser usadas em relatos da investigação, em artigos e livros, bem como em participação de eventos acadêmicos-científicos.

Obrigada,

Coordenadora _____
Prof. Dra. Suely Aldir Messeder

Eu,

_____ Ciente do objetivo da pesquisa MASCULINIDADES EM CORPOS FEMININOS:TECENDO ARTICULAÇÕES ENTRE PESQUISA, ECTENSÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE E COM ESTAS MULHERES, concordo em participar da mesma e que as informações que eu prestar possam ser empregadas na sua realização e em seus relatos científicos, desde que resguardados o devido sigilo e confidencialidade.

Local _____ Data: _____

Assinatura da participante

Documento de Identidade _____